



o MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 23

NOVEMBRO-DEZEMBRO de 1957

Nº. 6



Templo de Baranquilla
COLÔMBIA



O Segredo do Poder

ROY A. ANDERSON

“ESPERA agora, e te farei ouvir a palavra de Deus.” Estas palavras de Samuel a Saul são significativas. Se quisermos ouvir a Palavra de Deus, temos que esperar. O verdadeiro ministro não é tanto o produto de escolas como do “lugar secreto do Altíssimo.” Necessita o pregador mais do que do diploma; precisa do dinamismo do evangelho.

Disse Jesus: “Recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós.” Estas palavras eram parte da resposta referente a certas profecias. Os “tempos e estações” são um estudo absorvente, entretanto, mais importante do que a nossa pesquisa de dados e acontecimentos que o Pai tem em Sua própria autoridade, é buscarmos a unção do Espírito, para que a nossa mensagem não esteja no mundo apenas, mas também no poder e na demonstração do Espírito?

A especialização na profecia e a negligência do Pentecostes é um dos perigos que ameaçam todo estudante sincero das Escrituras. Importante é que conheçamos a profecia, mas é imperativo que conheçamos a Deus. Estamos nós saindo de nossas horas de colóquio com Deus, havendo visto de novo nosso Senhor ressuscitado e ouvido novamente Sua voz branda? A experiência cristã pode ser medida pela atitude da pessoa para com o lugar secreto quando está só com Deus.

Pressão ou Persuasão

EARL E. CLEVELAND

A IMPACIÊNCIA de ver os homens decidirem-se por Cristo pode produzir em quem anda em busca de almas uma extravagância de expressão. “O senhor está perdido” é um julgamento reservado para Deus apenas. Conquanto seja verdade que o homem de Deus possui as chaves do reino, seja notório que isso não o habilita para abrir nem fechar a alma nenhuma a porta do Céu.

Nos dias de Noé, foi um anjo quem fechou a porta. Teve Noé o privilégio de pregar o meio de escape e mesmo guiar a ele os homens. Mas aí termina a responsabilidade do homem. A porta da misericórdia ficou aberta de par em par, controlada por Deus apenas. Assim ainda acontece hoje. Com as chaves do reino, o ministro abre os

corações humanos, expondo-lhes os mistérios do reino. Mas a concessão ou retração é prerrogativa divina, e não do homem.

Fato verídico é que algumas almas, como as frútas, amadurecem umas com mais vagar que outras. Em casos tais a pressão tanto é inconveniente como dispendiosa. Almas têm sido afastadas da porta do Céu pelos excessivamente ansiosos. Sem dúvida falamos muito por conta própria quando pretendemos declarar a qualquer pessoa que a porta da graça lhe está para sempre fechada. Sabe-se de uma alma que rejeitou a mensagem pela pregação de um homem e aceitou-a pela de outro. A salvação nunca começa nem termina com o ministério de homem nenhum. Necessário é, portanto, que a “semente da verdade” seja semeada meticolosa e pacientemente, pois não sabemos qual delas prosperará.

Também é verdade que a atitude de alguém para com o obstinado é um índice de suas intenções. Só um egoísta arriscaria desviar de Deus uma alma para ganhá-la pela persuasão desonesta e por medidas desesperadas. Todo obreiro bem-sucedido reconhecerá a linha que separa os deveres do ministro, dos privilégios de seu Criador.

Veículos de Luz e Bênção

ELLEN G. WHITE

A GLÓRIA da igreja de Deus reside na piedade de seus membros; pois ali está o esconderijo do poder de Cristo. A influência dos sinceros filhos de Deus pode ser estimada de pouco valor, mas será sentida através dos tempos, e devidamente revelada no dia da recompensa. A luz de um cristão genuíno, que brilha em perseverante piedade, em fé inabalável, demonstrará ao mundo o poder de um Salvador, vivo. Em Seus seguidores será Cristo revelado como manancial de água, que salta para a vida eterna. Embora mal-conhecidos pelo mundo, são reconhecidos como povo peculiar de Deus, Seus escolhidos vasos de salvação, Seus veículos por meio dos quais será transmitida luz ao mundo. — *Review and Herald*, 24 de março de 1891.

Deus requer que Seu povo brilhe como luzes no mundo. Não é somente dos ministros que isso se exige, mas de todo discípulo de Cristo. Sua conversação deve ser celestial. E ao passo que desfrutam comunhão com Deus, desejarão comunicar-se com seus semelhantes, a fim de exprimir, por palavras e atos, o amor de Deus que lhes anima o coração. Por esta maneira serão luzes no mundo, e a luz transmitida por meio deles não se extinguirá, nem lhes será tirada. — *Testimonies*, Vol. II, págs. 122 e 123.

Deus designou Seus filhos para proporcionarem luz ao outros, e se deixarem de o fazer, e almas forem deixadas nas trevas do erro por sua falta em fazer aquilo que poderiam ter feito se tivessem sido vivificados pelo Espírito Santo, serão então responsáveis a Deus. Fomos chamados das trevas para Sua maravilhosa luz, a fim de que pudéssemos anunciar as virtudes de Cristo. — *Review and Herald*, 12 de dez. de 1893.

(Continua na página 12)



ILUSTRAÇÕES

Levar Cristo ao Mundo

Órgão publicado bimestralmente pela
 Associação Ministerial da Igreja Adventista do
 Sétimo Dia
 Editado pela
 Casa Publicadora Brasileira
 Santo André, São Paulo
 Gerente — Bernardo E. Schuenemann
 Redator responsável — Lutz Waldvogel
 Redator associado — Rafael de A. Butler
 Colaborador especial:
 Walter E. Murray

NOSSA CAPA DE SET.º-OUT.º DE 1957
 Demos como sendo da igreja de Maringá, a
 fotografia que figurou em nossa capa de Mi-
 nistério de set.º-out.º, quando o é de Arapongas.



ANO 23	N.º 6
DE CORAÇÃO A CORAÇÃO	2
O Segrêdo do Poder — Pressão ou Persua- são — Veículos de Luz e Bênção	
ILUSTRAÇÕES	3
Levar Cristo ao Mundo — O Pior Pode ser o Melhor	
ARTIGOS GERAIS	4
A Verdadeira Teologia, Vital para o Evan- gelismo Eficaz — Deus Conosco — A For- mação de uma Teologia Sã	
OBRA PASTORAL	13
Sê Vigilante! — Idéias para Sermões	
EVANGELISMO	16
Vós Sois as Minhas Testemunhas — Pre- paro para a Obra	
ESTUDOS BÍBLICOS	18
A Encarnação do Filho do Homem	
ESPÍRITO DE PROFECIA	21
Os Escritos de Ellen G. White e as No- tícias Diárias	
NOTAS E NOTÍCIAS	24



A GRANDE maioria dos cristãos, está buscando "levar o mundo a Cristo." Mas não foi isto que o Senhor ordenou. Disse-nos Êle que fizéssemos justamente o oposto. Mandou-nos levar Cristo ao mundo. . . . Não podemos levar o mundo a Cristo. Êle não irá. O coração natural é inimigo de Deus, e os homens em sua própria capacidade recusarão ir. Mas podemos levar Cristo ao mundo e dar nosso testemunho d'Ele num poder tão compelente e com tanta persuasão que vençamos a inimizade e enterneçamos os corações, levando-os à penitência e à fé salvadora.

Não têm os comerciantes dificuldade em atingir o público. Os fornecedores de leite encontram cada freguês diàriamente. Os vendedores de tôda espécie encontram um meio de atingir-nos com seus produtos, ao passo que os políticos regularmente se organizam de forma a atingir e influenciar, se possível, até o último eleitor de determinado território. Cada pessoa está sendo alcançada e encaminhada ao homem moderno — tudo, menos o evangelho. E a igreja pode levar o evangelho a cada homem, pois Cristo não ordenou uma impossibilidade! — J. E. Conant, *Every-Member Evangelism* (Harper & Brothers).

O Pior Pode ser o Melhor

CONTA-SE a história de um único sobrevivente de um naufrago que foi dar numa ilha desabitada. Depois de algum tempo conseguiu êle construir um rancho bem rudimentar, em que colocou o pouco que conseguiu salvar do navio naufragado. Orou êle a Deus que o salvasse, e ansiosamente perscrutava o horizonte dia a dia para descobrir qualquer navio que porventura por ali passasse.

Um dia, depois de voltar de uma busca de alimento, horrorizou-se ao encontrar o seu rancho em chamas. Tudo quanto possuía, esvaíra-se em fumaça! Acontecera o pior, ou pelo menos assim parecia. Mas, aquilo que parecia haver acontecido para pior fôra, em realidade, para melhor!

Para a visão limitada do homem, era o pior. Para a infinita sabedoria divina, sua perda foi para melhor — pelo que estivera a orar. Justamente no dia seguinte chegou um navio. "Vimos o seu sinal de fumaça," disse o comandante.

Não devemos nós aceitar nossas aparentes calamidades, e esperar delas o "melhor" da parte de Deus? — Stella O Barnett, *Better Church Bulletins*.

ARTIGOS GERAIS

A Verdadeira Teologia, Vital para o Evangelismo Eficaz

CLIFFORD A. REEVES

(Evangelista, Associação do Sul de Nova-Inglaterra)

NENHUM cristão — e menos ainda o obreiro de Deus — pode deixar de ser teólogo. Poderá ser um teólogo confuso. Poderá ser um teólogo inconsciente e irresponsável. Poderá ser um teólogo mal-informado. Mas não pode ser cristão sem ter uma teologia de alguma espécie.

Qualquer evangelismo que é vigoroso bastante para atender ao repto deste tempo tem que apresentar vividamente ao homem moderno, imerso como está na lama do materialismo, o Cristo que é a resposta absoluta e adequada para toda necessidade do homem nesta era atômica. Portanto, é imperativo que o evangelista possua uma teologia correta. Nenhuma quantidade de zelo e fervor suprirá esta falta. Em verdade, difícil é compreender como alguém que tem que proclamar a última mensagem divina aos homens possa deixar de ser levado a um sério estudo teológico. Responsabilidade enorme é ousar semitmitir a palavra da verdade divina aos nossos semelhantes — uma palavra que tem em si para eles infinitas possibilidades de vida — ou de morte.

Definição de Teologia Cristã

O termo *teologia* provém das palavras gregas *theos* e *logos*, e originalmente significava um discurso acerca de Deus. Como um fase da teologia prática, o evangelismo está intimamente relacionado com a teologia propriamente dita. Tem sido dito que a teologia cristã "é a tentativa de modificar o pensamento do homem de forma que atue como cristão." Os evangelistas são professores de teologia. Sua função é disseminar conhecimento concernente a Deus e a tudo, quanto revela a Sua natureza. Tem o evangelista que possuir compreensão nítida de Jesus Cristo, do Espírito Santo, da propiciação, da Bíblia, da igreja e da escatologia. Tem que conhecer a Natureza como uma manifestação da sabedoria e do divino poder criador, e a história humana como uma demonstração da revelação dos propósitos do Todo-poderoso. O evangelista só pode ser usado pelo Espírito Santo para converter e santificar os homens na medida em que saiba manejar "a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus." (Efé. 6:17). Nesse sentido, diz o Dr. A. H. Strong que o objetivo do instrutor cristão deve ser substituir as concepções obscuras e errôneas entre seus ouvintes, pelas que são corretas e vividas. Não pode ele fazer isto sem conhecer os fatos com elas relacionados — conhecê-los, enfim, como partes integrantes de um sistema. Com esta verdade ele é merecedor de confiança.

Mutilá-la ou deturpá-la não somente é pecado contra o seu Revelador; pode tornar-se a ruína da alma. A melhor salvaguarda contra tais mutilações ou maus testemunhos é o diligente estudo das várias doutrinas da fé em sua relação mútua, e especialmente para com o tema central da teologia — a pessoa e obra de Jesus Cristo.¹

Nós, adventistas, não temos uma confissão de fé estritamente teológica como um grande volume que compreenda um milhar ou mais de páginas de expressão sistemática; não possuímos credo denominacional rígido; mas temos uma definida teologia adventista do sétimo dia. Ela é o corpo de verdade a que nos referimos quando falamos de uma pessoa "aceitar a verdade." Somos gratos a Deus pelos nossos vanguardeiros que dedicaram muitos dias e noites à fervorosa pesquisas da Palavra em busca de uma verdadeira teologia. Depois da passagem do tempo, em 1844, pesquisaram a verdade como em busca de tesouros escondidos para firmar os marcos da fé. Diz a Sra. Ellen G. White:

Nós nos reuníamos com o coração oprimido, orando para que tivéssemos todos uma fé e uma doutrina. . . . Um ponto de cada vez era tomado como assunto de investigação. As Escrituras eram abertas com o senso de reverência. Muitas vezes jejuávamos, para que pudéssemos estar em melhor condição de compreender a verdade. Depois de fervorosa oração, se algum ponto não era bem-compreendido, ele era analisado e cada um expressava a sua opinião livremente. . . . Muitas lágrimas eram derramadas.

Muitas horas gastávamos dessa maneira. As vezes passávamos a noite inteira em solene investigação das Escrituras, para podermos compreender a verdade para o nosso tempo.²

Os Teólogos Evangelistas do Passado

Olhai a História passada. A era das vitórias espirituais, das conquistas evangélicas e das reformas vitais foram as de poderosa pregação evangélica com base numa teologia revitalizada. Mais do que coincidência é que Deus tenha usado homens de saber escolástico para acender a chama do evangelismo com renovado brilho quando destemidamente pregaram a verdade para a sua época.

Paulo de Tarso, poderosamente possuído de Deus, executou com clareza a forma da mensagem cristã e lançou os profundos alicerces da Igreja. Versado na teologia hebraica, na jurisprudência de Roma e na filosofia da Grécia, tornou-se o inigualável evangelista de seu tempo.³

Agostinho, notável entre os Pais da Igreja e em alguns sentidos vanguardeiro da Reforma, era,

quando jovem, professor de retórica. Ao converter-se, empenhou o seu gênio potente no estudo e defesa das grandes doutrinas cristãs. De seus escritos, Lutero e outros reformadores auferiram força e inspiração.

João Wycliffe, campeão da Bíblia aberta, era professor em Oxônia quando começou a proclamar que Cristo é o único Senhor do homem. Revoltado contra os abusos da Igreja, proclamou a doutrina de que as Escrituras são a suprema autoridade e a única regra de fé. Suas crenças teológicas influenciaram João Huss, e por meio de Huss, Lutero e os morávios. Assim se tornou a estrela matutina da reforma.

Quando aos trinta e quatro anos de idade Martinho Lutero pregou na porta da igreja, suas históricas teses, naquele dia de 1517, por certo não pensava em que se tornaria o fundador do protestantismo. As teses desse doutor em teologia e professor da Universidade de Wittenberg conduziram ao reexame das próprias bases da salvação e da natureza da verdadeira igreja. Lutero abalou um continente até aos seus alicerces ao soarem, quais trovões, os sermões do indomável reformador, até aos confins da Terra, e multidões apossaram-se do tesouro da justificação por meio do Salvador crucificado.

Numa noite de verão de 1536, um jovem estudioso francês, João Calvino, parou numa pequena estalagem de Genebra, Suíça. Aspirava êle a uma carreira erudita de estudo e escritos. Havia poucos meses antes, na idade de vinte e seis anos, publicara uma das maiores obras teológicas de todos os tempos — os Cursos da Religião Cristã. Compareceu à estalagem, naquela mesma noite, um grande pregador evangélico chamado Guilherme Farel. Ele por fim persuadiu Calvino a permanecer em Genebra e consolidar a obra da reforma já começada. Desde então a influência de Calvino em sua própria geração e nas vindouras tornou-se incomensurável. Quase não existe hoje uma subdivisão da cristandade protestante que não sinta de alguma maneira a teologia e o trabalho prodigioso desse forte e brilhante homem de Deus.

Poucas vezes concedeu Deus à Igreja um líder com tantos dons, um pregador tão inspirado e um organizador tão capaz quanto João Wesley. A vida da Igreja na Inglaterra e na América tornara-se rígida e frígida. Os pregadores eram indolentes e insípidos os seus sermões. O ateísmo, a imoralidade, a bebedice e a corrupção prevaleciam por toda parte. Então Deus "de maneira estranha aqueceu", com os fogos do evangelho o coração de um pregador, e naquela meia-noite de trevas espirituais acendeu-se um reavivamento da cristandade evangélica que exerceu sobre a Inglaterra e sobre o mundo de fala inglesa daquela época, uma impressão que o tempo não apagará. Billy Graham, ex-presidente da Northwestern School, Minneapolis, expôs recentemente sua convicção de que Wesley foi o maior dos evangelistas dos tempos modernos e sugeriu que parte do poder de Wesley consistia em que era homem de cultura teológica. 4

Sim, a verdadeira teologia cristã e o evangelismo eficaz estão indissolivelmente ligados. Quando Cristo Se revelou à mulher junto ao poço, apresentou-lhe o que foi chamado de "a mais profunda verdade teológica da Bíblia." Disse Êle: "Deus é Espírito, e importa que os que O adoram O adorem em

espírito e em verdade." (S. João 4:24). Ao falar Êle à samaritana, o evangelismo para Êle significava fazer dela não somente uma cristã, mas também uma evangelista, pois ela correu à aldeia para transmitir a divina revelação que recebera.

A Dupla Tarefa da Igreja Cristã

Muito cedo em sua história, a primitiva igreja cristã reconheceu que tinha perante si uma tarefa dupla. A mera proclamação do evangelho não era suficiente. Tinha que ser feito esforço subsequente que era dirigido no sentido de conservar e aperfeiçoar as reações da fé nos que reconheciam que criam nos mensageiros de Cristo. A pregação apostólica que salientava a proclamação das boas-novas era chamada *kerygma*. Destinava-se aos não cristãos. O ensino apostólico que visava à aplicação do evangelho à vida e à instrução de novos conversos, era chamado *didache*. O primeiro precedia o último. A necessidade de ambos é encontrada através de todo o Novo Testamento. E ainda é a necessidade dupla da igreja mesmo agora. O obreiro de Deus tanto tem que ser instrutor como anunciador. A comunicação de uma teologia sã tem que acompanhar a proclamação da mensagem. Uma razão por que certo evangelismo haja produzido pouco bem duradouro, é que a proclamação não foi acompanhada nem seguida de ensino forte e bom. Demasiadas vezes os conversos não estavam profundamente convertidos nem doutrinados. Como a menina que caiu da cama, êles "dormiram muito próximo do lugar em que entraram."

Conquanto estejamos agradecidos por todo o discernimento que a psicologia nos possa haver concedido, o evangelista que é inspirado pela psicologia mais do que pela teologia, inclina-se a perder o direito de dizer: "Assim diz o Senhor." Pode êle expulsar demônios de temor e ansiedade e produzir paz de espírito e o senso do viver confiante. Mas será um procedimento humano com pouca relevância para o reino de Deus e para a proclamação da mensagem de advertência dos últimos dias.

Ainda mais, o evangelismo que está verdadeiramente alicerçado numa sã teologia terá uma vigorosa objetividade que eficazmente guarda contra o subjetivismo sentimental de certos tipos modernos e populares de evangelismo em que Jesus, nosso exaltado Senhor, pouco mais é do que o amigo pessoal do crente e cuja tarefa principal parece ser a de manter encontros secretos em algum belo jardim onde "Êle me diz que eu sou Seu" e me comunica alegrias que "ninguém mais provou."

É de lastimar quando um evangelista assume atitude anti-intelectual para com a teologia. Desacreditar a teologia equivale a desacreditar a própria inteligência. Se o médico tem que conhecer a sua matéria médica; se ao advogado compete estar familiarizado com o código de leis; por certo o evangelista tem que forçosamente conhecer a sua teologia. Ela é a sua infra-estrutura intelectual e sua força espiritual. Não pode êle conhecer demasiado, a menos que seja inteiramente consagrado. Tem êle por tarefa interpretar o evangelho eterno por maneiras meditadas que se tornem compreensíveis aos homens e mulheres de moderno pensar.

(Continuação da pág. 23)

Por outro lado, devemos precaver-nos contra um intelectualismo teológico que exalte indevidamente o conhecimento e transforme os pregadores em traças acadêmicas. Necessário é que tenhamos uma teologia correta. A teologia errada tem produzido resultados funestos inúmeras vezes na história da igreja. Mesmo hoje estamos presenciando os frutos de falsos sistemas tais como o liberalismo e a neo-ortodoxia. Não podemos aceitar a filosofia Barthiana de que "a Bíblia contém a Palavra de Deus, mas nem tudo que está na Bíblia é necessariamente a Palavra inspirada de Deus." Diz mais Barth que a natureza de Cristo era a natureza humana caída, e que Ele não era homem muito notável, mas apenas "um simples rabino que nos impressiona com um pouco de banalidade mais que outro fundador de religião, e mesmo mais que muitos posteriores representantes de Sua própria religião."⁵ "[Emil] Brunner insiste em que não somente Deus não é revelado na vida histórica de Jesus, mas está nela oculto, e tão completamente oculto que nem mesmo Jesus sabia."⁶

Em oposição à presunçosa arrogância do pervertido raciocínio humano, nossa teologia deve mostrar-se triunfantemente Cristocêntrica, alicerçada na Bíblia e saturada do motivo de ganhar almas. Com muita precisão diz James S. Stewart: "Não há lugar hoje para uma igreja que não esteja inflamada do Espírito de quem é o Senhor e Doador da vida, nem valor algum na teologia que não seja apaixonadamente missionária."⁷

João Bunyan apresenta em seu livro imortal, *O Peregrino*, um quadro frisante do evangelista. Ao cristão foi mostrado na casa de Intérprete, um retrato de Evangelista, pintado como pessoa muito grave, com os olhos erguidos para o Céu. Tinha nas mãos o melhor dos livros, a lei da verdade estava escrita em seus lábios, o mundo estava-lhe atrás das costas; sua aparência era de quem insistia com os homens, e tinha na cabeça uma coroa de ouro.

Ao nos aprestarmos novamente para a tarefa titânica do evangelismo que nos está à frente e para a terminação da obra, tenhamos sempre entre as mãos e no púlpito "o melhor dos Livros." Podemos pregar-lhe as verdades com vibrante certeza. Diz Sir Frederic G. Kenyon, notável autoridade: "Pode o cristão ter entre mãos a Bíblia completa e dizer sem temor nem hesitação que nela tem a verdadeira Palavra de Deus, transmitida sem perda essencial de geração a geração, através dos séculos."⁸

O mundo está agora esperando por uma nova definição do evangelho e por uma nova demonstração de seu poder. O impacto decisivo da tríplice mensagem angélica far-se-á tanto mediante o conteúdo de sua doutrina como pela consagração de seus discípulos. Com santidade pessoal e amor intenso às almas, unamos a teologia forte, escriturística e erudita.

Grande parte das doenças que afligem a humanidade tem sua origem na mente e só podem ser curadas pela restauração da saúde da mente." — *Testimonies*, Vol. III, pág. 184.

Ainda em *A Ciência do Bom Viver*, encontramos o conselho publicado em 1905:

"No tratamento do enfêmo não se deveria esquecer o efeito da influência mental. Devidamente usada, essa influência proporciona um dos mais eficazes meios de combater a moléstia." — Pág. 207.

Como este artigo não tem o propósito de apresentar o lado positivo deste assunto, apenas indicaremos ao leitor o capítulo *A Cura Mental*, em *A Ciência do Bom Viver*, págs. 207-222, e a seção sexta: *Sistemas Certo e Errado de Cura Mental*, de *Medical Ministry*, págs. 105-117.

Habilmente usa Satanás este conhecimento das leis que governam a mente humana. Escrevendo sobre isto, declarou Ellen White, em artigo publicado em 1844:

"Em muitos casos a imaginação é fascinada pela pesquisa científica, e os homens são lisonjeados pela convicção de sua própria capacidade. As ciências que tratam da mente humana são muito exaltadas. Elas são boas no seu devido lugar; mas delas se apodera Satanás como poderosa instrumentalidade sua para enganar e destruir as almas." — *The Signs of the Times*, 6 de novembro de 1884.

"A vantagem que ele [Satanás] tira das ciências, ciências pertinentes com a mente humana, é tremenda. Nesse ponto, qual serpente, ele imperceptivelmente se insinua para corromper a obra divina.

"Esta penetração de Satanás por meio das ciências está bem ideada. Por meio do canal da frenologia, da psicologia, e do mesmerismo, atinge ele mais diretamente o povo desta geração e atua com aquêle poder que lhe caracterizará os esforços próximo do fim do tempo da graça. As mentes de milhares foram assim envenenadas, e levadas à infidelidade. Conquanto se creia que uma mente humana tão maravilhosamente influencia outra, Satanás, que está pronto a utilizar tôda vantagem, insinua-se e atua à direita e à esquerda. E conquanto os que se devotam a estas ciências, enalteçam-nas até aos céus por motivo das grandes e boas obras que eles afirmam ser por elas operadas, pouco sabem eles que poder para o mal estão acalentando; mas é um poder que ainda atuará com todos os sinais e prodígios de mentira — com todo o engano da injustiça. Anote a influência dessas ciências, prezado leitor; pois a luta entre Cristo e Satanás ainda não findou." — *Ibidem*.

(Fim da Série)

1. A. H. Strong, *Systematic Theology*, pág. 17.
2. Ellen G. White, *Testimonies to Ministers*, págs. 24 e 25.
3. *First Epistle of Clement to the Corinthians* 5.
4. Billy H. Graham, *Canadian Journal of Theology*, janeiro de 1956, pág. 1.
5. Karl Barth, *Kirchliche Dogmatik I*, ii, 80; *The Doctrine of the Word of God I*, pág. 188.

6. James R. Branton, *Our Present Situation in Biblical Theology, Religion in Life*, Vol. 26, pág. 11.
7. James S. Stewart, *A Faith to Proclaim*, pág. 2.
8. Sir Frederic G. Kenyon, *Our Bible and the Ancient Manuscripts*, pág. 23.

Deus Conosco

ROY ALLAN ANDERSON

(Redator de *The Ministry*)

OS ensinamentos dos adventistas do sétimo dia estão sendo amplamente comentados hoje em dia. Isto não nos deve surpreender, pois ao exibirmos profecias tais como a de Apoc. 18:1, não pregamos nós há já muitos anos que antes do fim de todas as coisas esta mensagem despertará o interesse de todo o mundo? Ainda mais, muito conselho nos foi dado para preparar-nos para um tempo como este. Notai estas palavras:

“Nosso povo tem sido considerado muito insignificante para merecer a atenção, mas uma mudança ocorrerá; os movimentos processam-se agora. Está o mundo cristão fazendo movimentos que necessariamente porão em evidência o povo que observa os mandamentos... Toda minúcia de nossa crença será investigada, e se não formos minuciosos estudantes da Bíblia, firmados, fortalecidos, firmes, a sabedoria dos grandes homens do mundo ser-nos-á insuperável.”—Ellen G. White, carta 12, 1886.

Esta edição de *The Ministry* salienta alguns aspectos da teologia. A teologia que esposamos faz-nos o que somos. A fim de ajudar nossos leitores a compreenderem melhor certos aspectos do pensamento teológico, reunimos alguns artigos específicos, dos quais dois são de autoria de renomados líderes de nossa fé. Os tempos atuais exigem estudo mais aprofundado da Palavra de Deus do que muitos dentre nós têm crido.

Nunca devemos esquecer que a grande pregação se origina de conceitos teológicos claros. Mais importante do que esse método é o conteúdo da mensagem do pregador. E o próprio coração da mensagem é Cristo, a Palavra Eterna, o Salvador da humanidade, o Deus-Homem—nosso Sacerdote e Rei vindouro. Por isto é que concedemos tanto espaço a esse tema em números recentes.

Um ministro de além-mar procurou auxílio para esclarecer as diferenças entre a natureza de Adão no Éden, de Cristo durante a encarnação e de nós mesmos como membros da raça caída. Percebendo que outros poderiam ser auxiliados no sentido de uma mais clara compreensão desta tremenda controvérsia, inserimos aqui um quadro comparativo que apresenta tanto as similaridades quanto os contrastes.

Nada há ensinado com maior clareza nas Escrituras do que essa de que quando Deus Se fez homem por meio da encarnação, participou da natureza do homem; isto é, tomou sobre Si a natureza humana. Em Rom. 1:3 lemos que Jesus Cristo nasceu da descendência de Davi, “segundo a carne” e, em Gál. 4:4, que foi “nascido de mulher.” Tornou-Se filho da humanidade por nascimento humano e submeteu-Se às condições da existência humana, possuindo corpo humano. (Heb. 2:14.)

A Igreja Católica Apostólica Romana, por seu dogma da imaculada concepção, busca contornar a real dificuldade da natureza de Deus sem pecado na carne, pretendendo que Maria, mãe de Jesus, foi preservada daquilo que chamam pecado original. Mas esse ensino não atende a todos os re-

clamos escriturísticos. Se Maria estivesse isenta de pecado, por que, então, teria dito no *Magnificat*: “A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador”? Declarar que estava sem pecado, suscita mais problemas do que os que resolve, pois como poderia ela haver nascido isenta de pecado se ambos os seus pais eram pecadores? Uma tal coisa seria ainda mais miraculosa do que o próprio nascimento virginal.

Nunca devemos perder de vista que o nascimento de nosso Senhor foi sobrenatural. Foi o resultado de um ato especial de Deus, mediante o poder do Espírito Santo. Quando Deus Se fez carne foi-o para cumprir o Seu eterno propósito de restituir à comunhão universal uma raça perdida.

Quando Adão pecou, os efeitos de sua queda passaram a toda a família humana. Desde então somos uma raça moribunda. A essa raça veio o Salvador. No tempo em que Jesus nasceu, séculos de pecado haviam feito sua marca trágica na humanidade. A natureza humana estava deteriorada; além do que, Satanás pretendia o domínio deste mundo. Quando Deus Se encarnou na pessoa de Seu Filho e Se identificou com a humanidade, foi-o depois de a raça haver estado enfraquecida por milhares de anos de pecado e degradação.

Foi na forma humana que Ele veio, e foi assaltado pelas enfermidades de nossa natureza física. Na forma física do homem devia Ele sentir o golpe e os efeitos do pecado. Soube o que era sentir-Se desamparado.

“Eu sozinho pisei no lagar; e dos povos ninguém houve comigo” (Isa. 63:3).

“Levando a fraqueza da humanidade e oprimido com a dor e o pecado da mesma, andava Jesus, sozinho, por entre os homens... Seu espírito Se sentia isolado, num mundo que O não conhecia.”—*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 318.

Ao lermos sobre Jesus tomar a natureza do homem, forçoso é reconhecermos a diferença existente entre a natureza humana, no sentido físico da palavra, e a natureza humana no sentido teológico do termo. Foi verdadeiramente homem; não obstante foi Deus manifesto na carne. Verdadeiramente, Ele assumiu a nossa natureza humana, isto é, nossa forma física, mas não possuiu as nossas propensões para o pecado. A Sra. Ellen G. White repisa “a perfeita isenção de pecado da natureza humana de Cristo.”—Citado de *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Vol. V, pág. 1131.

Notai estas palavras: “Não O apresenteis às pessoas como um homem com as propensões para o pecado. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado puro, inocente, sem uma mancha de pecado sobre si... Por causa do pecado sua posteridade nasceu com inerentes propensões de desobediência. Mas Jesus Cristo foi o único gerado Filho de Deus. Ele tomou sobre Si a natureza humana... Mas nem por um momento sequer houve nEle uma propensão má.”—Idem, pág. 1128.

Ele ingressou na família humana e participou

de nossa raça, que desde os dias de Adão estivera degenerando de geração a geração. Não obstante, Ele foi "sem pecado."

Na edição de *O Ministério* de maio-junho de 1957, apareceram sete páginas de citações da pena da Sra. Ellen G. White sobre o tema da encarnação. Entre elas há a seguinte: "Ele nasceu sem uma mancha de pecado, mas veio ao mundo de maneira idêntica à da família humana."

Justamente como pôde Ele ser vitorioso enquanto participava conosco de toda a limitada natureza física da humanidade é um mistério que se situa além da compreensão humana. Mas a Escritura declara que, conquanto fôsse tentado, permaneceu, não obstante, "santo, imaculado, incontaminado, separado dos pecadores." Em Sua natureza espiritual como o representante da Divindade, Ele foi perfeito. Em Sua forma humana como o representante da humanidade, foi perfeito e triunfante. Repetimos: Teve natureza humana mas não a natureza carnal.

Ao considerarmos êsse Ser inocente é importante que estabeleçamos a diferença entre as duas naturezas. Em comum com toda a humanidade, Ele verdadeiramente tomou sobre Si as nossas enfermidades, mas enfermidades tais como debilidade e fragilidade, como resultado de séculos de hereditariedade, não são pecadoras. Essas enfermidades estão claramente indicadas no relato de Sua vida enquanto esteve na Terra. Lemos que "sentiu fome"; sofreu as torturas da "sede"; sentiu "cansaço"; "chorou"; foi "tentado"; conheceu a "agonia." Mais de oitenta vezes nos Evangelhos, fala Ele de Si mesmo como sendo "o Filho do homem." Teve a aparência de homem e foi verdadeiramente homem — o Homem sem pecado, o Homem perfeito, o Homem-Deus, o único Ser por quem temos acesso ao Pai. Ele sentiu a necessidade da oração, mas nunca teve que pedir perdão, pois "não conheceu pecado."

"Ele foi um forte pedinte, sem possuir as paixões de nossa natureza humana." — *Testimonies*, Vol. II, pág. 509.

"É um irmão em nossas fraquezas, mas não em possuir idênticas paixões. Sendo sem pecado, Sua natureza recuava do mal." — *Test. Sel.* [Ed. mundial], Vol. I, pág. 220.

Tanto Mateus como Lucas, ao fazerem o relato da vinda de nosso Senhor ao mundo, salientam a diferença entre o Seu nascimento e o de todos os mais que nasceram na raça humana. Depois de enumerar a longa lista de gerações, desde Abraão, diz Mateus: "Ora, o nascimento de Jesus foi assim." A expressão "foi assim" indica que os acontecimentos que produziram êste nascimento foram diferentes dos que acabavam de ser relatados. Lucas cita as palavras do anjo: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus."

Pelas leis da hereditariedade apenas, não podemos explicar a geração de nosso Senhor, pois Seu nascimento foi sobrenatural. Foi um ato criador de Deus, e se bem que tenha vindo na seqüência da geração humana, manifestando-Se em carne humana foi, não obstante, Deus.

Ego na primeira promessa do Redentor, encontramos o mistério da piedade em embrião. O Senhor declarou que o poder da serpente seria des-

truído pela "semente da mulher," não do homem. Sua relação com a raça humana estava na parte da mulher. Ele "nasceu de mulher," era a "semente da mulher." Não teve pai humano. Nasceu na família humana, possuía natureza humana, e foi conhecido como Filho do homem; não obstante era o Filho de Deus, Sua natureza humana era verdadeiramente humana, não obstante não tinha pecado — humano, não carnal. A diferença entre a natureza humana e a natureza carnal era vital e decisiva.

A natureza carnal* não é uma parte integral do homem original; é o resultado do pecado. Antes de sua queda Adão era humano, mas não era carnal; era espiritual, não sensual. Quando Deus eterno Se tornou o segundo Adão para que pudesse assumir o Seu lugar como representante da raça remida, Ele veio "sem pecado." Quando o Deus encarnado ingressou na história humana e participou da raça, compreendemos que possuiu a impecabilidade da natureza com que Adão foi criado no Éden. O ambiente em que Jesus viveu, porém, era tragicamente diverso daquele que Adão conheceu antes da queda. O diagrama que acompanha êste artigo poderá ajudar-nos ao buscarmos compreender esta importante verdade.

Justamente como Deus pôde realizar isto é impossível de explicar. A linguagem humana é absolutamente incapaz de abranger o mistério da piedade. Mas, conquanto não possamos explicá-lo, e devamos considerá-lo insondável, podemos, porém, regozijar-nos na redenção que possuímos em Jesus Cristo.

Eminente teólogo hodierno, diz: "Mostrai-me a vossa Cristologia, e eu vos direi o que sois." Outro, declara: "Quem possui conceito mesquinho da natureza de nosso Senhor, verificará que suas ramificações se estendem a cada faceta de sua teologia, e isso prejudicialmente." Êste assunto exige estudo acurado, acompanhado de oração.

Ao encontrarmos no Espírito de Profecia uma expressão tal como esta: "Ele tomou sobre Sua natureza impecável a nossa natureza pecadora," (*Medical Ministry*, pág. 181), temos que compreendê-la à luz das Escrituras, que declaram que "Aquêle que não conheceu pecado" Deus "O fez pecado por nós" (II Cor. 5:21). No Seu nascimento Ele foi declarado "santo." Durante Sua vida e ministério "não cometeu pecado." Mas no Getsêmani e no Calvário tomou sobre Si os pecados de todo o mundo. E não apenas o pecado, mas também os efeitos do pecado. Lemos: "Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças" (S. Mat. 8:17). Sofreu morte propiciatória. Naquele dia escuro Ele "tomou sobre Si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre Si" foi "ferido de Deus e oprimido" (Isa. 53:4). Nossos pecados Lhe foram imputados. E assim, propiciatoriamente, Ele assumiu a nossa natureza pecadora, caída, morreu em nosso lugar, e "foi contado com os transgressores" (v. 12).

O pecado foi pôsto sobre Ele; nunca fez parte de Si mesmo. Era externo, não interno. O que quer que houvesse tomado não era Seu inerentemente; Ele o tomou, isto é, aceitou-o. "Ele voluntariamente assumiu a natureza humana. Foi ato Seu próprio, e por Seu próprio consentimento." — E. G. White, em *The Review and Herald*, 5 de jan. de 1887. Aquêle que "não cometeu pecado," levou "Ele mes-

mo em Seu corpo os nossos pecados sôbre o madeiro" (1 S. Ped. 2:22 e 24).

Graças a Deus por uma tão grande salvação. Estas importantes verdades devem ser o nosso constante tema de contemplação. João exclama: "Vêde quão grande caridade nos tem concedido o Pai."

É um amor concedido. Não podemos ganhá-lo, não podemos comprá-lo, não podemos compreendê-lo, não podemos medir-lhe as profundidades; mas podemos aceitá-lo e, permanecendo estupefatos em face de tão grande revelação de amor e graça, podemos proferir o Seu nome com reverência, "Emanuel — Deus conosco."

Quadro Comparativo que Ilustra as Diferenças entre Cristo como Sêr sem Pecado, o Homem Atual no Ambiente de Pecado e Adão num Ambiente sem Pecado

DE CRISTO	MINHA	DE ADAO
<i>Natureza</i> — Sem pecado — "santa, imaculada, incontaminada." Perfeita como Deus e como homem.	Pecadora, depravada pelo pecado de Adão; em Cristo, pode participar da natureza divina.	Sem pecado e justa por criação; pecadora por escolha.
<i>Ambiente</i> — Em desarmonia com o mundo.	Em desarmonia com o mundo.	Harmoniosa até à queda.
<i>Companhia</i> — Deus, os anjos e os pecadores.	Anjos maus e pecadores; em Cristo, restauração à comunhão divina.	Deus, os anjos e uma companhia sem pecado até à queda.
<i>Relação com o Mundo</i> — No mundo mas não do mundo.	No mundo e do mundo; em Cristo, capacitado para vencer o mundo.	No mundo perfeito e do mundo perfeito até à queda.
<i>Aptidões Físicas ou Natureza</i> — Voluntariamente limitada por assumir a natureza humana, porém, Deus na carne.	Limitada pela herança de natureza <i>depravada</i> .	Criado sem pecado, sem liberdade e capacidade limitada de desenvolvimento.
<i>Mente</i> — A mente de Deus por natureza, identidade, escolha e nascimento sobrenatural.	Carnal mas pode possuir a mente divina por meio da santificação do Espírito.	Podia ter continuado a desenvolver a mente em harmonia com Deus.
<i>Caráter</i> — Perfeito em todo o sentido enquanto na natureza humana; cresceu em sabedoria, estatura e graça para com Deus e os homens.	Imperfeito por herança de natureza depravada; em Cristo pode ser restaurado à imagem de Deus.	Criado em ambiente perfeito; ficou depravado pela escolha do mal.
<i>Espírito</i> — Controlado por Deus por estar continuamente submisso à vontade de Seu Pai.	Naturalmente destituído da natureza espiritual mas, pelo Espírito Santo, pode ser restaurado à imagem de Deus.	Poderia ter continuado a ser perfeito e controlado por Deus.
<i>Crescimento</i> — Em conflito com o mal, mas por escolha e fé no Seu Pai, triunfante continuamente.	Nascido com tendência para o pecado. Em Cristo pode crescer à Sua semelhança.	Harmonioso por herança; desarmonioso por duvidar e por deixar de corresponder ao amor de Deus.

(Esta comparação não é estabelecida como resposta integral a cada pergunta deste tema, mas para suscitar pensamento.)

A Formação de uma Teologia Sã

EDWARD HEPPENSTALL

(Professor de Teologia Cristã, SDA Theological Seminary)

A RELIGIÃO, como termo universal, trata da relação do homem para com Deus ou deuses. Pressupõe que em alguma forma ou formas o homem tenha sido ou esteja sendo acareado com o sobrenatural. Isto varia entre as religiões do mundo. Para o cristão, religião é a relação pessoal com o Deus da Bíblia e o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. O homem foi defrontado com a revelação divina na atividade de Deus por meio de Jesus Cristo e de Sua Palavra.

Mas religião tem, também, um conteúdo racional e intelectual. Compete à teologia interpretar de maneira tal esse conteúdo que as doutrinas formuladas constituam uma interpretação correta desse mesmo conteúdo. Toda igreja e denominação tem uma teologia. Não se trata de ter ou não ter uma teologia. A questão é esta: Possuem a igreja e o crente cristão uma teologia *correta e vital*? O conhecimento teológico torna-se conhecimento de salvação em virtude da presença do Espírito Santo atuante por meio da Palavra e levando o crente à harmonia com a vontade de Deus. A fé viva não vicia a teologia correta, nem depende da apreensão intelectual de tudo quanto se possa conceber como pertencente a uma teologia sistemática.

Um mais completo conhecimento intelectual de teologia não produz necessariamente experiência cristã mais vital, embora devesse-o. O conhecimento da doutrina intelectual concebido não deve ser considerado equivalente à fé vital em Deus. Doutrinas e interpretações teológicas são aspectos formais da fé viva. A Bíblia como tal não é uma série de discursos teológicos. Não é teologia sistemática. Raramente o escritor bíblico visa a produzir um tratado teológico sobre qualquer doutrina. Paulo, no livro de Romanos, e em sua apresentação da ressurreição, em I Coríntios 15, aproxima-se o máximo possível.

A Essência do Cristianismo

Uma das maiores tendências hodiernas é a preocupação pelo que é chamado "a essência do cristianismo." Isto é muitas vezes tido como significativo do que possui validade para o viver diário e diferente de certos dogmas teológicos mantidos por várias igrejas da cristandade. Ao buscarmos interpretar a Bíblia e estruturar uma teologia, podemos chegar a eliminar da vida o cristianismo. O ensino e a pregação de doutrinas podem tornar-se apenas descrições verbais de realidades divinas. Torna-se, então, impossível que o instrutor ou pregador comunique fé e amor por meio da oratória.

Como líderes, instrutores e pregadores cristãos defrontamo-nos com estas duas preocupações: (1) tornar as doutrinas vitais na experiência religiosa contemporânea, e (2) interpretar o conteúdo intelectual da Bíblia em harmonia com a vontade de Deus de forma a constituí-la a verdade divina.

Um professor de teologia tirou de sua biblioteca certos livros sobre a crença e a doutrina adventistas e passou a interrogar-me sobre os pontos fundamen-

tais dessa igreja. Por fim, disse: "Minha igreja interpreta isto de maneira diversa da sua. Você crê na Bíblia ou na interpretação adventista da Bíblia? Que direito têm vocês de considerar correta a sua interpretação e não a minha? Como sabem vocês que a sua teologia bíblica é a correta?"

Que teríeis respondido?

Tendências Modernas em Teologia

A inclinação moderna é do afastamento de um corpo de verdade teológica objetiva para uma experiência subjetiva de Deus. Para a teologia a decisão é crucial. Não é a da teologia contra a sua negação absoluta. Mas multidões hoje pretendem a realidade religiosa e uma experiência com Deus em certo conhecimento intuitivo fora da revelação objetiva da verdade bíblica, e muitas vezes a ela contrária. A doutrina não mais é importante, dizem. O que vale é a experiência. Para essas a teologia fica subordinada à psicologia. A prova da verdade é psicológica.

Mero engano é fazer a suposta experiência religiosa tomar o lugar da Escritura e da revelação objetiva contida na Palavra de Deus. Fora de dúvida é que não pode haver religião bíblica sem experimentar a forma de fé cristã apresentada nas Escrituras. Mas crença e fé não podem ser tidas como não intelectuais. A verdadeira fé tem por base o verdadeiro conhecimento (Rom. 10:17). O que, então, constitui realmente o conhecimento que salva? Até onde pode a pessoa crer o erro ou pouco ou nada crer e ainda pretender o recebimento da graça salvadora?

As vezes têm sido verdade que a vitalidade da fé cristã precede a formulação e a clara compreensão da verdade doutrinária. Mas uma tal experiência nunca é contrária à sã doutrina. Tem sido dito que nossa teologia pode ser mais elevada do que a nossa vida devocional. Mas também pode ser dito que nossa vida devocional e experiência cristã não podem ser mais elevadas do que a nossa apreensão e compreensão de Deus e de Sua verdade, ou, noutras palavras, de nossa teologia.

Os mais decisivos termos teológicos são: "revelação" e "inspiração." Ambos declaram que Deus falou por meio de Seu Filho e de Seus servos escolhidos, os profetas, de maneira inteiramente diversa da que Deus nos fala a nós hoje. Nega categoricamente que o homem, ainda que cristão, seja a fonte da verdade e doutrina cristãs, e a sua prova. A teologia cristã não determina o que seja a verdadeira doutrina ou a sã teologia. O pôr em foco a sã teologia é obra do Espírito Santo. Se assim não fosse a autoridade do homem e a autoridade da Igreja seriam primárias. Essa é a atitude dos católicos, romanos. Mas a Palavra de Deus existiu antes da igreja. Ela trouxe à existência a igreja. Portanto não podia a igreja ser anterior em autoridade. Tudo quanto a Igreja fez nos primeiros séculos foi reconhecer o que já estava estabelecido

e crido como sendo a Palavra de Deus. Nenhuma corporação organizada de homens no primeiro século determinou o que era verdadeira teologia. Muito embora os primeiros séculos assinalados por controvérsia teológica, êsses litigantes não constituíram a autoridade primária de Deus.

Os crentes tornaram-se uma corporação organizada porque experimentaram a atuação do Espírito Santo, como declarou Cristo, para "guiá-los em tôda a verdade." A verdadeira teologia cristã primeiramente crê nas Escrituras como Palavra de Deus. Busca pôr a vida em harmonia com essa Palavra e submeter todo o ser ao seu julgamento. O único fator vital de unificação consiste na liderança do Espírito de Deus por meio da Divina Palavra. Se a Bíblia não mais fôr digna de confiança como a fonte de nossa teologia, então as doutrinas que os homens formulam têm que permanecer para sempre como o produto de homens pecadores e de um incompetente raciocínio humano.

A Revelação Acima da Igreja

Como poderia qualquer igreja existir anteriormente à revelação? Não poderia haver Igreja sem que primeiramente Deus tivesse falado. Se Deus fala a todos os homens em tôdas as igrejas e congregações na mesma maneira em que falou em Sua Divina Palavra, então Cristo tem de contradizer-Se. O Espírito nunca encaminhará os homens à convicção de que uma revelação original da verdade estava errada. Cristo não pode desmentir-Se. Tôda a verdade doutrinária tem que ser tal qual é, não porque a Igreja o declara, mas porque a Bíblia mostra ser verdade. A igreja é final e possui plena autoridade sòmente quando é fiel à Palavra revelada. Se uma igreja ou um crente quer crescer e manter-se vivo, precisa constantemente provar suas crenças e a sua vida pela Palavra revelada. Qualquer coisa menos que isto levará à submissão à autoridade dos homens e não de Deus.

Ainda mais, tem o homem que não aprisionar-se à verdade de Deus por interpretações humanas. É sempre possível que os líderes ilustrados da igreja, que são homens falíveis, se afastem da Palavra de Deus e sejam desobedientes e tirem conclusões errôneas. Deus não pode confiar a Sua autoridade a homens. Porque Ele está, então, a mercê do homem, cuja mente está entorpecida pelo pecado e, assim, incompetente para julgar, só por si, o que é a verdade.

Como podemos nós confiar na interpretação humana e ainda assim apelar para a mesma Palavra como nossa autoridade? A autoridade derivada nunca pode ser a fonte da autoridade de que é derivada. Uma sã teologia só provém da Escritura. E quem é chamado para pregar tem que continuamente vigiar, orar e estudar para evitar de misturar os raciocínios filosóficos e as opiniões de homens com a revelação da mente divina.

"O profeta que tem um sonho conte o sonho; e aquêle em quem está a Minha palavra, fale a Minha palavra com verdade. Que tem a palha com o trigo? diz o Senhor. Não é a Minha palavra como o fogo, diz o Senhor, e como um martelo que esmiuça a penha? Portanto, eis que Eu sou contra os profetas, diz o Senhor, que furtam as Minhas palavras, cada um ao seu companheiro. Eis que Eu sou contra os profetas, diz o Senhor, que usam de sua língua e dizem: Ele disse. Eis

que Eu sou contra os que profetizam sonhos mentirosos, diz o Senhor, e os contam, e fazem errar o Meu povo com as suas mentiras e com as suas leviandades; pois Eu não os envie, nem lhes dei ordem; e não trouxeram proveito nenhum a êste povo, diz o Senhor. Quando pois te perguntar êste povo, ou qualquer profeta, ou sacerdote, dizendo: Qual é o pêso do Senhor? Então lhe dirás: Que pêso? Que vos deixarei, diz o Senhor. . . Assim direis, cada um ao seu companheiro, e cada um ao seu irmão: Que respondeu o Senhor? e que falou o Senhor? Mas nunca mais vos lembrares do pêso do Senhor? porque a cada um lhe servirá de pêso a sua própria palavra; pois torceis as palavras do Deus vivo, do Senhor dos Exércitos, o nosso Deus" (Jer. 23:28-36).

Sempre têm a Igreja e o crente que volver à Palavra de Deus e buscar andar em conformidade com as Escrituras divinas, reveladas e inspiradas. Os livros da Bíblia foram inspirados muito antes de os concílios da igreja haverem feito qualquer declaração a êles referente. Foram inspirados no momento em que foram escritos. Pela formação do cânon, a Igreja simplesmente reconheceu e confirmou o que fôra sabido e crido em todo tempo concernente à inspiração dos livros da Bíblia. Assim a Palavra permanece como a única verdadeira fonte da teologia bíblica.

A Bíblia como autoridade permanece à parte da experiência humana como a norma revelada e inspirada, e a regra de fé. Os homens convencem-se disto ao serem guiados pelo Espírito Santo para reconhecerem a Bíblia como sendo a Palavra de Deus. Isto é verdade não obstante qualquer testemunho experimental que o homem possar dar. Êsse anterior reconhecimento da parte do homem e a aceitação de coração ocorre na experiência cristã. A teologia cristã é sã e válida, não por ser a expressão da experiência cristã, mas porque o Espírito Santo por meio da Palavra cria, julga, purifica e promove a experiência cristã, e os que são assim desenvolvidos constituem a Igreja; e assim a Igreja, ou o corpo de Cristo, é desenvolvida.

"Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus; se alguém administrar, administre segundo o poder que Deus dá; para que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo, a quem pertence a glória e poder para todo o sempre" (1 S. Ped. 4:11).

"Fale a Palavra de Deus" é a base de uma sã teologia. Um jovem de notável capacidade intelectual explicou-me por que não mais podia crer "a verdade". Encontrara "discordâncias". Os problemas, segundo êle pensava, tinham que ser resolvidos para que pudesse continuar crendo na Bíblia. Fiz-lhe ver que seu problema parecia ser de autoridade. Perguntei-lhe se cria que o homem é pecador. Sim, não havia dúvida quanto a isso. Como, então, podia a mente dominada pelo pecado ser considerada competente para julgar a Bíblia e uma autoridade a ela anterior, quanto ao que constitui a verdade?

O Espírito Santo Acima do Raciocínio Humano

A convicção quanto à verdade da teologia e da doutrina é concedida pelo Espírito Santo (S. João 16:13). Isto requer uma humildade da mente que reconheça as deficiências e a incompetência do raciocínio humano, um desengano da capacidade da

mente humana para determinar e provar o que seja a verdade.

A crença adventista não é o produto da sabedoria nem da experiência humanas. A Sra. E. G. White declara isto com clareza em *A Ciência do Bom Viver*, pág. 107: "A régia faculdade da razão, santificada pela graça divina, deve ter domínio em nossa vida". A razão santificada é razão guiada pelo Espírito Santo. O grau em que a razão é competente para determinar o que é verdade e o que é erro, só pode ser determinado pelo Espírito Santo. Mas a razão santificada nunca ultrapassará os limites traçados pelo Espírito Santo. No momento em que alguém busca ultrapassar esse ponto, começa a enfraquecer a firmeza nas verdades básicas; segue-se a negação da crença.

A exigência moderna é de construir a nossa teologia sob a base da crítica erudita. Deus não confere prêmio à ignorância. Requer Ele o melhor que a mente poder dar. Mas existem limites para a capacidade da mente humana. O pecado produziu isso. A única prova satisfatória é o testemunho pessoal da verdade e não meramente um argumento para ela. A pregação e a instrução da verdade não devem transformar-se num tratamento mecânico da Escritura e da doutrina. Isso produz apenas um cristianismo morto e uma ortodoxia de papel. Só o Espírito Santo pode tornar o homem cristão e crente na verdade. Os crentes primitivos testemunharam da verdade; isto é, revelaram a verdade tal como está contida na Palavra Eterna. Testemunhar é um termo usado com muito mais frequência do que pregar ou argumentar. A intimação final de Cristo aos Seus ministros é: "Ser-Me-eis testemunhas" (Atos 1:8). Pelo testemunho, a verdade evidencia-se pelo seu próprio direito e não simplesmente pelo direito do argumento. De Jesus se declara ser "a testemunha verdadeira" (Apoc. 1:5). A obra do Espírito Santo é conferir aos homens o poder de "testificar" (S. João 15:26 e 27). O povo de Deus remanescente é descrito em Apocalipse 12:17 como tendo o testemunho de Jesus que, no capítulo 19:10 é definido como sendo o Espírito de Profecia. Possuidores desse testemunho do Cristo vivo, tornam-se eles testemunhas vivas. Como povo reconhecemos esse testemunho nos escritos da Sra. Ellen G. White, a mensageira do Senhor para a Igreja Adventista. Entretanto, declaro com toda a ênfase, que não são os argumentos teológicos nem a magnitude do conteúdo teológico que constitui a prova de genuinidade.

Nossa interpretação da profecia leva-nos a considerar o Velho e o Novo Testamentos as "duas testemunhas de Apoc. 11:3, e se quisermos ser testemunhas verbais dessa verdade, temos que dirigir a atenção dos homens Aquele de quem a Bíblia e o Espírito de Profecia dão testemunho. Não adoramos a Bíblia, mas Aquele de quem as Escrituras dão testemunho — o Deus verdadeiro e vivo e Seu Filho, Jesus Cristo. "Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de Mim testificam" (S. João 5:39).

Aplicação ao Adventismo

A Igreja Adventista hodierna tem que dar testemunho das doutrinas básicas das verdades primárias da Bíblia. Não pode haver temor dos homens nem da Igreja que é guiada pelo Espírito Santo. Ousamos confiar-nos à guia do Espírito Santo. Podemos

temer a guia de homens e as interpretações humanas. O Espírito e o Espírito apenas é que nos pode guiar à verdade e à unidade de crença. Nenhuma outra pressão pode realizar isso. Unidade e harmonia não são tanto uma experiência do intelecto quanto do coração. Os homens dirigidos pelo Espírito são homens de quem fluem irreprimíveis torrentes do amor de Deus. A Sra. Ellen G. White expressou muito bem isto nas seguintes palavras:

"Conhecei e crede o amor que Deus nos tem a nós, e estareis seguros; esse amor é uma fortaleza inexpugnável contra todos os enganos e assaltos de Satanás." — *Thoughts From the Mount of Blessing* (1956), pág. 119.

Os acontecimentos desenvolvem-se hoje em dia rapidamente até na esfera religiosa. O momento da decisão final para multidões de homens e mulheres de toda parte pode estar mais próximo do que pensamos. E essa decisão será feita naquilo que é identificável como a verdadeira fé. É a verdade contra o erro, Cristo contra o anticristo. A decisão para todos nós não pode demorar muito mais. Mas a fim de conhecer e experimentar a verdade, a decisão de cada homem tem de ser apropriadamente sua, na atmosfera de amável camaradagem no seio da comunhão dos crentes.

Pôr a Verdade em Evidência

É o designio de Deus que a verdade seja posta em evidência, tornado-se objeto de exame e estudo, ainda mesmo que para isso seja necessário torná-la vítima do desprezo. É mister agitar a mente do povo. Toda contenda, todo vitupério e calúnia, são meios empregados por Deus para suscitar curiosidade e despertar os espíritos que, de outro modo, continuariam adormecidos. — *Testimonies*, Vol. V, pág. 453.

Veículos de Luz e Bênção

(Continuação da pág. 2)

Os que deveriam ser a luz do mundo, têm emitido apenas raios débeis e enfermigos. Que é a luz? É piedade, bondade, verdade, misericórdia, amor; é a revelação da verdade no caráter e na vida. O evangelho depende da piedade pessoal de seus crentes, quanto a seu poder intensivo, e Deus tomou providências, mediante a morte de Seu Filho amado, para que toda alma pudesse estar perfeitamente instruída para toda boa obra. Toda alma deve ser uma luz brilhante e resplandecente, anunciando as virtudes d'Aquele que nos chamou das trevas para Sua maravilhosa luz. "Nós somos cooperadores de Deus". Sim, cooperadores; isto quer dizer prestar sincero serviço na vinha do Senhor. Há almas a serem salvas — almas em nossas igrejas, em nossas escolas sabatinas e em nossa vizinhança. — *Review and Herald*, 24 de março de 1891.



OBRA PASTORAL

Sê Vigilante!

PAULO R. GÓMEZ

(Diretor dos Departamentos da Atividade Missionária, Escola Sabatina e Rádio, da Associação Bonairense)

DEUS pôs nos seres irracionais por Ele criados, instintos e dons que, às vezes nos servem de exemplos e deveríamos imitar. No diário argentino "La prensa" de 15 de julho de 1956, lemos o seguinte, em artigo firmado por Antônio de La Torre: "Os guanacos são animais inofensivos, gregários, inteligentes, que vivem entre as altas montanhas, pastando nas campinas próximo dos arroios. Vão em manadas, sob a guia de um macho, a que os gaúchos denominam "relincho". Este vigia sua manada de uma elevação. É o vigia e o pastor responsável de seu rebanho, a quem todos acatam cegamente; é o herói que aponta o caminho da salvação em caso de perigo, e que encontra as pastagens tranqüilas para a subsistência pacífica. Sempre está alerta, meneando as orelhas, perscrutando as elevações. Quando percebe alguma coisa estranha lança uma espécie de relincho que inicia a repentina fuga da manada. De longe ele aponta o caminho salvador e é o último a escapar da morte. Sabem os caçadores que, para exterminar o bando lhes é preciso matar o "relincho", pois isso provoca o desconcerto e o espanto de todos que, espavoridos, e indecisos, correm a ésmo, de um para outro lado, próximo da vítima."

Não encerra esta descrição um exemplo e um ensino para nós, os pastores de almas? Creio que sim, e muito bem. Nós, que temos o privilégio de pastorear os que são tão valiosos à vista de Deus, que deu o Seu Filho e este Se deu a Si mesmo por eles; devemos manter-nos sempre vigilantes, buscando os pastos e as correntes de águas cristalinas e vivificantes da Palavra de Deus, e quando algum perigo acusa o povo de Deus, devemos ser os primeiros a dar o brado de alerta e apontar o caminho da salvação de maneira firme e clara, sem dúvidas nem vacilações.

Não é fácil ser pastor, já que o pastor sempre deve estar em atitude vigilante. Se compreende realmente o privilégio e a responsabilidade de sua missão, nunca pode deixar de velar no cuidado de seu rebanho.

O apóstolo São Paulo foi, talvez, quem mais se aproximou do ideal que Cristo pôs perante nós. As almas realmente pesavam-lhe sobre o coração. Compreendia cabalmente seu privilégio e responsabilidade. Por isto encontramos nas Sagradas Escrituras essas belas epístolas que dirigiu às várias igrejas que pôde formar com a ajuda do Senhor. Embora estivesse distante e finalmente prêso em Roma, não deixava nem por um momento de nelas pensar, tratando por todos os meios de alentá-las e exortá-

las à fidelidade, prevenindo-as contra o inimigo das almas.

Nas epístolas que dirigiu ao seu amado discípulo Timóteo, é revelado o amor que o idoso apóstolo nutria pelo rebanho, e pareceria que quisesse saturar a Timóteo desse amor. Especialmente em sua segunda epístola, ao notar êle que seu fim estava próximo, disse: "Conjuro-te pois diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na Sua vinda e no Seu reino, que pregues a Palavra, instes a tempo e fora de tempo, exortes, com toda a longanimidade e doutrina. Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas. Mas tu sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faz a obra dum evangelista, cumpre o teu ministério." (II Tim. 4:1-5.) No capítulo 2 e versículo 3, diz: "Sofre pois, comigo, as aflições como bom soldado de Jesus Cristo." Não há dúvida alguma de que Ele já sabia que logo seria decapitado, e sua mais profunda preocupação era a segurança do rebanho, e, por todos os meios, tratava de instruir a Timóteo quanto ao seu trabalho de vigilância. Pareceria que o ancião e ativo apóstolo quisesse infundir-se nêle para assim ter a certeza de que as almas não seriam abandonadas à sua própria sorte.

Moisés é outro indivíduo que se aproximou muito do ideal. Sempre alerta, sempre vigilante, sempre buscando a forma de dirigir sãbiamente êsse povo que Deus lhe entregara para guiar à terra prometida, e quando Deus lhe anunciou seu fim próximo, o primeiro pensamento desse grande homem de Deus foi pedir um pastor para essa congregação: "O Senhor Deus dos espíritos de toda a carne, ponha um homem sobre esta congregação, que saia diante deles, e que os faça sair, e que os faça entrar: para que a congregação do Senhor não seja como ovelhas que não têm pastor." Núm. 27: 16 e 17.

Muitos foram os perigos que assaltaram o povo de Deus no deserto, mas nunca encontraram Moisés desprevenido. Se junto ao Mar Vermelho houvesse faltado fé a Moisés, todo o povo se teria perdido. Se ao pé do Sinai lhe houvessem faltado amor e firmeza, todo o povo teria sido aniquilado. Se em Baal-peor lhe houvesse faltado consagração, todo o povo teria caído na idolatria e na concupiscência. É que tanto Moisés, quanto Paulo, não estavam trabalhando "pelos pães e pelos peixes";

ambos haviam deixado dinheiro, honras e títulos para seguir o Salvador e se sustinham "como vendo o Invisível."

Estimados colegas no ministério: Os perigos que hoje acozzam o rebanho são talvez maiores do que os que tiveram que enfrentar naquela época, e por isto exigem maior vigilância, maior dedicação, maior consagração.

A serva do Senhor nos diz em Obreiros Evangélicos, págs. 264 e 265: "Os mensageiros da cruz se devem armar de vigilância e oração, e avançar com fé e coragem, operando sempre no nome de Jesus. Devem ter confiança em seu Guia; pois tempos tumultuosos

se acham diante de nós. Os juízos de Deus se acham espalhados na Terra. As calamidades se seguem umas às outras em rápida sucessão. Em breve Deus Se erguerá de Seu lugar para sacudir terrivelmente a Terra, e punir os ímpios por sua iniquidade. Então Ele Se levantará em favor de Seu povo, e lhes dará Seu protetor cuidado. Envolvê-los-á nos braços eternos, para os escudar de todo mal."

Não estamos sós na luta nem na vigília; Deus está conosco. Ele quer salvar Seu povo e dar-nos o privilégio de serem colaboradores Seus, mas só o fará com os que se mantêm alerta e vigilantes.

Idéias para Sermões

[Estes pensamentos embrionários para sermões não se destinam absolutamente a ser esboços de sermões. Não passam de sugestões para pregadores atarefados, para ajudar a suprir um ou dois pensamentos-chave para uma necessidade de uma reunião extra ou emergência. — Os EDITORES.]

Coisas Firmes

1. Uma Firme Revelação na Palavra de Deus. A "mui firme palavra dos profetas" (II S. Ped. 1:19).

2. A Firme Promessa da Fé. "Portanto é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a tôda a posteridade." (Rom. 4:16).

3. Uma Firme Vocação e Eleição por acrescentar à fé o que o Senhor prescreve. "Procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição" (II S. Ped. 1:10).

4. Uma Firme Confiança. Reter "firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim" (Heb. 3:14).

5. Uma Firme Âncora de Esperança. "A esperança proposta, a qual temos como âncora segura e firme" (Heb. 6:10).

6. Uma Firme Confiança. Conservemos "firme a confiança e a glória da esperança até ao fim" (Heb. 3:6).

7. Uma firme Esperança. "A nossa esperança acerca de vós é firme" (II Cor. 1:7).

As palavras em grifo são as mesmas no original.

— F. E. MARSH, 1000 Bible Sermons (Zondervan, 1953), pág. 376.

Atitudes Quanto à Segunda Vinda de Cristo

1. Atitude do Mundo — Ceticismo — II S. Ped. 3:4 e 5.

2. Atitude de Satanás — Ira — Apoc. 12:12 e 17.

3. Atitude do Servo Mau — Demora — S. Mat. 24:48 e 49.

a. Descrença de coração.

b. Falta de preparo para encontrar-se com Deus.

c. Atos anticristãos para com os semelhantes.

4. Atitude dos Crentes Impacientes, Desanimados — O Senhor "retarda" a Sua promessa — II S. Ped. 3:9.

a. A procrastinação não é de Deus mas dos homens.

b. A longanimidade divina e seu limite.

5. A atitude do Pai celestial — "Paciente" — Heb. 5:7 e 8.

6. A atitude de Cristo — Ansiosa expectativa — Heb. 10:12 e 13.

7. Atitude do verdadeiro cristão — A bem-aventurada esperança — Tito 2:13; S. Luc. 12:36 e 37.

a. Incentivo para a vida santa — I S. João 3:3.

b. Viver e trabalhar para a vinda de Cristo e para o reino "sem pecado" — Heb. 9:28; II S. Ped. 3:12-14; Heb. 10:23-25.

c. A atitude cristã. "No tempo do primitivo cristianismo ter-se-ia afigurado uma espécie de apostasia o não almejar a volta do Senhor." — MASSILLON.

d. As atitudes cristãs incluem vigiar e esperar — S. Luc. 12:36 e 37; I Cor. 1:7; testemunhar e trabalhar — Heb. 10:23-25; Efés. 5:16, etc.; orar e purificar-se e preparar-se — Apoc. 22:20; I S. João 3:3; S. Mat. 24:44; e amar — II Tim. 4:8.

e. A primeira vinda de Cristo: O maior acontecimento do passado. A segunda vinda: O maior acontecimento do futuro. Sua vinda pessoal ao nosso coração: O maior acontecimento evangélico do presente — Apoc. 3:20.

J. A. B.

Os Reclamos do Senhor

Textos: Deut. 10:12 e 13; Miq. 6:8.

O Senhor Requer:

1. A declaração de Moisés — Deut. 10:12 e 13.

a. Fé com seu santo temor — "Temas o Senhor teu Deus."

b. Fidelidade — "Andes em todos os Seus caminhos."

c. Amor — "O ames."

d. Serviço — "Sirvas ao Senhor teu Deus."

e. Obediência — "Para guardares os mandamentos do Senhor."

2. A declaração de Miquéias — Miq. 6:8.

a. Justiça — "Pratiques a justiça."

b. Beneficência — "Ames a beneficência."

c. Humildade — "Andes humildemente."

d. Companheirismo — “Andes humildemente com teu Deus.”

Adaptado de dois sermões proferidos por Jerônimo O. Williams, *Seed for Sermons* (Broadman Press, 1946), págs. 95 e 125.

Os Maiores Loucos do Mundo

Textos: Ecl. 10:3; Prov. 17:12.

1. O louco que diz *não existir Deus* — Sal. 14:1. Ateus, humanistas, etc. — todos quantos de coração rejeitam a Deus. Todos quantos adoram a si mesmos ou a divindades de feitura humana — Jer. 5:4 e 7.
 2. O louco que é *espiritualmente ignorante* — Sal. 92:5 e 6; Prov. 10:21.
Todos quantos não têm prazer no entendimento. — Prov. 17:16; 18:2; Sal. 94:8; Prov. 15:14; Prov. 11:29.
 3. O louco *palrador* — Ecl. 5:1-3; 10:14; Prov. 15:2.
Um louco loquaz (Prov. 10:8) e sua verbosidade insensata (Prov. 29:11) proclamando a loucura do coração (Prov. 12:23).
 4. O louco *rixento, que produz contenda* — Prov. 18:6 e 7.
 5. O louco *intrometido, mexeriqueiro* — Prov. 20:3; 10:23.
 6. O *rico com injustiça* e o *louco egocêntrico* — Jer. 17:11; S. Luc. 12:20 e 21.
 7. O louco *preguiçoso e indolente*. — Ecl. 4:5.
 8. O louco que *despreza a instrução* — Prov. 1:7 e 22; 15:5; 17:10.
Nunca aprende as lições da vida, sempre volta à sua loucura (Prov. 26:11) e à sua vergonha (Prov. 3:35; 27:22).
 9. O louco *irado* — Ecl. 7:9; Prov. 12:16; 14:16; 27:3.
 10. O louco *orgulhoso* — Prov. 12:15; 14:16; 26:12; II Cor. 12:6.
 11. O louco *amante do pecado* — Sal. 107:17; Prov. 13:19; 14:9.
 12. O louco *indiscreto* — Prov. 7:4-6.
 13. O louco *enganador* — Prov. 14:8; Ecl. 5:4 e 5.
 14. O louco de *lâmpada sem óleo* — S. Mat. 25:2, 4 e 8.
- O crente professo adventista sem o Espírito Santo. A tragédia da chama mortíça.

J. A. B.

Promessas de Vitória

I — A Norma da Perfeição

- a) Que é pecado? I S. João 3:4; 5:17 pp.
- b) Exemplos de pecado. Prov. 24:9; 10:19.
- c) O Salvador engrandeceu a lei. S. Mat. 5:21-28.
- d) A norma da perfeição moral. II S. Ped. 3:14; I Tess. 5:23.

II — A Vitória é Assegurada

- a) O que por nós faz a armadura de Deus. Efés. 6:13.
- b) Nossa vitória e como se manifesta. II Cor. 2:14.
- c) Certeza da vitória mediante Deus. Rom. 8:35-37.

III — A Perfeição de Caráter

- a) Norma a ser atingida. Heb. 12:14.
- b) Guardados por Deus. Sal. 121:7.
- c) Regime de vida do curado. S. João 5:14.

IV — O Poder Prometido

- a) Que poder é esse? Efés. 1:17-20; Col. 1:29.
- b) A certeza do poder. S. Luc. 9:1 (Ver S. Tia. 4:7).
- c) Em quem nos tornamos perfeitos. Col. 1:19; 2:9 e 10.

Vitória Mediante a Entrega Completa

I — Redenção

- a) O remidor e o preço pago. I S. Ped. 1:18-20; Atos 20:28; Efés. 5:2.
- b) A quem pertencemos? I Cor. 6:19 e 20; Rom. 14:8.
- c) Como tornar-se filho de Deus. Gál. 3:26.

II — Entrega Completa na Vida Vitoriosa

- a) Convite para a entrega. Prov. 23:26.
- b) A quem nos devemos entregar? Rom. 6:13.
- c) Certeza de vitória aos que se entregam. Rom. 6:14.

III — Poder Mediante a Entrega a Cristo

- a) O poder prometido. S. Jud. 24; I S. Ped. 1:3-5; Isa. 26:3.
- b) Exemplo da igreja de Macedônia. II Cor. 8:5.

IV — Buscar o Senhor de Todo o Coração

- a) Exemplo do passado. II Crô. 15:12 e 15.
- b) Que é feito com o coração? I Crô. 28:9.
- c) Exortação à igreja. Sof. 2:1-3.
- d) Promessa animadora a quem busca. II Crô. 7:14.

A VITÓRIA DA VERDADE

* Pode o ceticismo zombar das reivindicações da lei de Deus, escarnecendo e negando. Pode o espírito de mundanismo contaminar a maioria e dominar a minoria; pode a causa de Deus conservar o terreno somente à custa de grande esforço e sacrifício; contudo, no fim a verdade triunfará gloriamente. — *Prophets and Kings*, pág. 186.



E VANGELISMO

Vós Sois as Minhas Testemunhas

VERNON FLORY

(Diretor das Atividades Missionárias, União dos Lagos, EE. UU.)

NO máximo da condensação, o plano divino para a terminação da obra na Terra é apresentado em Isa. 43:12: "Vós sois as Minhas testemunhas, diz o Senhor; Eu sou Deus." Os planos divinos são sempre planos simples. Muito está abrangido nestas poucas palavras: "Vós sois as Minhas testemunhas." Uma testemunha tem que conhecer por experiência própria o de que fala. Não podemos testificar de Deus com êxito sem primeiramente ter uma experiência nós mesmos. Não podemos falar do gozo de conhecer a Jesus como nosso Salvador sem que o tenhamos experimentado. Podemos nós louvar o valor e a potencialidade de uma vida de oração sem estarmos vivendo essa experiência? Sem dúvida uma das razões principais do nosso testemunho para Deus não ser tão eficaz como queríamos que fôsse, está em não conhecermos Deus como deveríamos.

Pilatos certa vez perguntou a Jesus: "Es Tu o rei dos judeus?"

"Respondeu-lhe Jesus: Tu dizes isso de ti mesmo, ou disseram-to outros de Mim?" (S. João 18:34). "Pilatos: estás tu dizendo isso por teres convicção pessoal a Meu respeito ou apenas estás dizendo-o porque alguém te falou que Eu era rei dos judeus?" Como testemunhas do Mestre temos que falar de nossa própria experiência. Ao fazermos isso, terá um peso extraordinário. Meramente repetir o que ouvimos a outra pessoa dizer acerca de Deus não é testemunhar.

Deus pode usar qualquer pessoa como Sua testemunha, se essa pessoa é consagrada e conhece a Deus. Este fato, nós, como ministros, temos que meditar. Quantas vezes desdenhamos algum prezado irmão ou irmã, por pensar que não os podemos usar. Talvez não seja a pessoa progressista ou ativa que gostamos de incluir em nossos planos. Não faz diferença a humildade ou o atraso que possa ter, Deus pode usá-la para Sua glória, se Lhe é consagrada. A *Revista Adventista* tem publicado artigos nesse sentido. Deus tem usado de maneira extraordinária pessoas recentemente batizadas. Elas Lhe são Suas testemunhas.

Jesus, em Seu ministério, usou como testemunhas algumas pessoas que nós certamente teríamos rejeitado. Lede, a propósito, a história dos dois endemoninhados. Ninguém dentre nós os escolheria e enviaria a uma cidade para preparar o caminho para o evangelismo bem-sucedido. Jesus foi convidado a sair. Os cidadãos não O queriam ali. Quando os endemoninhados buscaram ficar com Jesus, ao estar Ele de saída, notai o que lhes disse Ele: "Torna para tua casa, e conta queões grandes

coisas te fez Deus." (S. Luc. 8:39). Esses homens foram Suas testemunhas.

Notai, porém, o que aconteceu quando Jesus voltou ali: "E aconteceu que, quando voltou Jesus, a multidão O recebeu, porque todos O estavam esperando" (v. 40). A diferença na atitude das pessoas foi o resultado do testemunho desses homens. Esses endemoninhados não sabiam muita coisa acerca de Jesus. Não haviam escutado sermão algum. Haviam visto Jesus uma vez apenas, e com Ele estado umas poucas horas no máximo. Não saíram para dar uma série de estudos bíblicos. Fizeram apenas o que podiam. Testemunharam do que Jesus por eles fizera. Essa fôra a sua experiência. Que extraordinária eficácia teve.

Interessante é notar, na Concordância, quantas vezes são usadas, apenas no livro dos Atos, as palavras "testemunha" e "testemunhas".

"Vós sois as Minhas testemunhas." Às vezes ficamos convencidos de que somos os advogados de Deus. Advogados são as pessoas que depois de todas as testemunhas haverem dado o seu testemunho, arguem nos pontos sutis da lei e, por meio de argumentos, tratam de conseguir uma decisão em seu favor. Deus nunca nos contratou para sermos advogados Seus. Somos chamados para ser Suas testemunhas. Seremos, talvez, capazes de arguir com bastante lógica, mas os argumentos só produzem argumentos.

"A influência espontânea e inconsciente de uma vida santa é o mais convincente sermão que se pode fazer em prol do cristianismo. O argumento, mesmo quando seja irresponsável, pode só provocar oposição; mas o exemplo piedoso tem um poder a que é impossível resistir completamente." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 510.

Nisto, pois, consiste o plano simples do Céu para levar ao mundo o conhecimento do Deus vivo e de um amoroso Salvador. "Vós sois as Minhas testemunhas, diz o Senhor; Eu sou Deus" (Isa. 43:12). A serva do Senhor apresenta-o da maneira seguinte, em *A Ciência do Bom Viver*, pág. 80:

"Nossa confissão de Sua fidelidade é o meio escolhido pelo Céu para revelar Cristo ao mundo.

... Esses preciosos reconhecimentos para louvar da glória de Sua graça, quando corroborados por uma vida semelhante à de Cristo, possuem irresistível poder, o qual opera para salvação de almas. ... Há maior animação na mínima bênção que nós mesmos recebemos de Deus, do que em todas as narrações que possamos ler da fé e experiência de outros."

Notai outra declaração:

“Os seguidores de Cristo devem ser a luz do mundo; mas Deus não lhes manda fazer um esforço para brilhar. Ele não aprova nenhum esforço de satisfação própria para exibir uma bondade superior. Deseja que sua alma esteja imbuída dos princípios do Céu; então, ao se porerem em contato com o mundo, revelarão a luz que nêles há.” — *Idem*, págs. 27 e 28.

“O mundo necessita atualmente daquilo que tem sido necessário já há mil e novecentos anos — a revelação de Cristo.” — *Idem*, pág. 120.

Isto é o que nós, como ministros e membros da Igreja, temos que tratar de realizar. Precisaremos do auxílio de cada membro da igreja. E-nos um repto para nós, obreiros, encontrar o lugar em que cada um de nossos membros da Igreja possa ser testemunha mais eficiente do Mestre. Isto não é fácil. Talvez por isso é que não seja feito com maior freqüência. Mais fácil é apenas pregar.

“Muito mais poderosa que qualquer sermão pregado, é a influência de um verdadeiro lar, no coração e na vida.” — *Idem*, pág. 303.

“Nem todos os livros escritos podem servir aos designios de uma vida santa.” — *Idem*, pág. 391.

“Há uma eloqüência mais poderosa do que a eloqüência de meras palavras na tranqüila vida do puro e verdadeiro cristão. O que o homem é tem mais influência do que o que ele diz. . . . A fim de vencer os outros acêrca do poder da graça de

Cristo, devemos ter experimentado o Seu poder em nosso próprio coração e vida.” — *Idem*, pág. 419.

“A divisa do cristianismo . . . é o que revela a união do homem com Deus. Pelo poder da Sua graça manifestada na transformação do caráter, o mundo será convencido de que Deus enviou Seu Filho como Redentor. Nenhuma influência que possa rodear a alma tem mais poder do que a duma vida desinteressada. O mais forte argumento em favor do Evangelho é um cristão que sabe amar e é amável.” — *Idem*, pág. 419.

Se quisermos algum dia apresentar à nossa igreja o repto de testemunhar, êle operará um bem indizível. Vivificará a igreja. Grandemente reduzidos ficarão os nossos problemas internos. Nosso próprio trabalho pastoral será muito mais bem-sucedido. Animemos a todos para serem testemunhas.

Irmãos: Êste é o plano divino. Nossos planos humanos algumas vêzes se complicam demais. Mas os planos de Deus são sempre simples, e se, sob Sua guia, pudermos incutir em nosso povo o espírito de testemunhar, que extraordinário poder para a salvação de almas será! Requer êle um verdadeiro reavivamento na igreja. Dêste ponto é que todo evangelismo deve começar.

Todos os nossos planos denominacionais se acomodarão em seus respectivos lugares quando corretamente compreendermos a nossa condição de testemunhas de Deus.

Preparo para a Obra

ELLEN G. WHITE

OS seguidores de Jesus não estão satisfazendo o propósito e a vontade de Deus, se se contentam com permanecer ignorantes de Sua Palavra. Todos se devem tornar estudantes da Bíblia.

Aquêles que se acham verdadeiramente convertidos, têm de tornar-se mais e mais esclarecidos em sua compreensão das Escrituras, a fim de serem capazes de proporcionar palavras de luz e salvação àqueles que se acham em trevas, e perecendo em seus pecados. — *Testimonies*, Vol. IX, pág. 121.

Uma obra bem equilibrada melhor pode ser efetuada havendo em funcionamento uma escola de preparo para obreiros bíblicos. Enquanto se realizam as reuniões públicas, deve haver, em ligação com essa escola de preparo ou missão cidadina, obreiros experientes, de profundo discernimento espiritual, que possam dar aos obreiros bíblicos instrução diária, e que também se possam unir de inteiro coração às conferências públicas que se realizam. — *Testimonies*, Vol. IX, pág. 111.

Ponde sinceridade e fervor em vossas orações e em vossos estudos bíblicos, e em vossa pregação, para que possais deixar a impressão de que as sa-

gradas verdades que apresentais aos outros são para vós uma viva realidade. O que quer que façais por Jesus, procurai com tôdas as vossas faculdades fazê-lo com fervor. Nunca julgueis ter alcançado o ponto mais elevado, não podendo, portanto, subir mais. . . . Exercei vossa mente, a fim de que possais apresentar a verdade de modo a interessá-los. Tomais as mais interessantes porções da Escritura que lhes possais apresentar, dirigi-vos logo ao ponto, e procurai prender-lhes a atenção, e instruí-los nos caminhos do Senhor. — *Review and Herald*, 26 de julho de 1887.

Pode-se fazer uma grande obra apresentando ao povo a Bíblia tal qual é. Levai a Palavra de Deus à porta de todo o homem, insisti em suas positivas declarações perante a consciência, de todos os homens, repeti a todos a ordem do Salvador: “Examinai as Escrituras.” Admoestai-os a receber a Bíblia tal como é, a implorar a iluminação divina, e depois, quando a luz brilhar, a aceitar jubilosamente todos os seus preciosos raios, e suportar destemidamente as conseqüências. — *Testimonies*, Vol. V, pág. 388.



ESTUDOS BÍBLICOS

A Encarnação do Filho do Homem

Um Estudo Bíblico Acrescido de Citações do Espírito de Profecia

W. E. READ

(Secretário da Associação Geral)

A ENCARNAÇÃO da Palavra Eterna de Deus é um dos mais profundos mistérios da fé cristã. Alguma coisa deste tema maravilhoso está revelada nas Escrituras, mas muito permanece como um dos mistérios da Providência divina. Existem muitos outros mistérios na Palavra de Deus, assuntos, uns em que podemos aprofundar-nos e outros impenetráveis. Além do que está divinamente revelado, não nos devemos aventurar. Estaremos seguros apenas se nos mantivermos na senda da verdade revelada; além disso está a especulação, a dedução filosófica e a vã imaginação.

Sem dúvida todos nós reconhecemos que há aspectos para que não possuímos respostas. Podemos nós explicar como pôde Deus criar o homem? Sabemos como a Divindade e a humanidade se amalgamaram na pessoa de Jesus Cristo? Podemos nós explicar como Cristo, Ser sem pecado, assumiu a natureza pecadora? Podemos explicar o milagre da vida sem pecado de Jesus Cristo? Por certo gostaríamos de saber como pôde Ele ser tentado em todos os pontos, tal como nós somos tentados. Quem pôde explicar o milagre de Sua ressurreição, ou de Sua ascensão? Como gostaríamos de possuir as respostas a tôdas essas perguntas! Certamente, alguns desses mistérios estão revelados parcialmente, mas muito ainda permanece sem revelação, e por certo assim permanecerá até que transponhamos os portais de pérola da cidade de Deus.

Realmente, ao pensarmos em Jesus, tudo quanto Lhe diz respeito é um milagre. Sua vinda ao mundo foi um milagre; Sua passagem por aqui constou de uma série de milagres; Sua retirada foi um milagre; verdadeiramente ninguém mais a Ele se assemelha. Sua vida é única, o unigênito Filho do eterno Deus.

Muitas outras coisas há na Palavra de Deus situadas num domínio de mistérios. O que foi revelado na Palavra aí está para o nosso conhecimento, para crermos e tomarmos a peito; mas nunca nos devemos esquecer de que “as coisas encobertas são para o Senhor nosso Deus” (Deut. 29:29).

Podemos, sem dúvida, reverentemente meditar em algumas coisas das quais o nosso conhecimento é limitado. Pensai no ser de Deus. O apóstolo dos gentios refere-se ao “mistério de Deus” ou o mistério “de Cristo” (Col. 2:2). A Sra. Ellen G. White, de cujos escritos em livros e revistas damos algumas citações, diz:

“Nenhum espírito finito pode compreender completamente o caráter ou as obras do Ser infinito.

Não podemos pelas nossas pesquisas encontrar a Deus. Para os espíritos mais fortes e mais altamente educados, assim como para o mais fracos e ignorantes, aquêle Ente santo deverá permanecer revestido de mistério.” — *Educação*, pág. 169.

Muita coisa acêrca do plano da redenção é um mistério. Paulo a isso se refere como o “mistério do evangelho.”

“Há no plano da redenção mistérios — a humilhação do Filho de Deus, o ser achado em forma de homem, o maravilhoso amor e a condescendência do Pai ao entregar Seu Filho — que são para os anjos celestiais motivo de contínuo assombro.” — *Test. Sel.* [Ed. mundial] Vol. II, pág. 307.

“Que Ele consentisse em deixar Sua glória e tomar sôbre Si a natureza humana, era um mistério que os seres sem pecado de outros mundos desejavam compreender.” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 76.

Tudo isto — Sua decisão e Seu nascimento na família humana — estava compreendido na encarnação. “Grande é o mistério da piedade: Aquêle que Se manifestou em carne!” exclama o apóstolo (I Tim. 3:16).

“Na contemplação da encarnação de Cristo na humanidade, ficamos estarecidos diante de insondável mistério, que a mente humana não pode compreender. Quanto mais nela refletimos, mais pasmosa se afigura. Quão amplo é o contraste entre a divindade de Cristo e o frágil infante da manjedoura de Belém! Como podemos nós suprir a diferença entre o poderoso Deus e uma frágil criança? Não obstante o Criador dos mundos, Aquêle em quem habitava corporalmente a plenitude da Divindade, estava manifesto na frágil criancinha da manjedoura. Imensamente superior a qualquer anjo, igual ao Pai em dignidade e glória, e não obstante ostentando a roupagem da humanidade! Divindade e humanidade estavam misteriosamente combinadas, e Deus e o homem se tornaram um. Nessa união é que encontramos a esperança de nossa raça caída. Olhando a Cristo na humanidade, contemplamos a Deus, e nêle vemos o brilho de Sua glória, a expressa imagem de Sua pessoa.” — Sra. E. G. White, em *Signs of the Times*, de 30 de julho de 1896.

Mas em tôda essa meditação e estudo, apegue-mos a tudo quanto está claramente revelado. As seguintes advertências vêm muito a propósito neste sentido:

“É a obra prima dos enganos de Satanás conser-

var o espírito humano a pesquisar e conjeturar com relação àquilo que Deus não tornou conhecido, e que não é desígnio Seu que compreendamos. Foi assim que Lúcifer perdeu seu lugar no Céu.” — *O Conflito dos Séculos*, pág. 523.

“Assim muitos se desviam da fé, e são seduzidos pelo diabo. Os homens têm-se esforçado por ser mais sábios do que o seu Criador; a filosofia humana tem tentado devassar e explicar mistérios que jamais serão revelados por tôdas as eras eternas. Se os homens tão somente pesquisassem e compreendessem o que Deus tornou conhecido a respeito de Si mesmo e de Seus propósitos, obteriam uma perspectiva tal da glória, majestade e poder de Jeová, que se compenetrariam da sua própria pequenez, contentando-se com aquilo que foi revelado para êles mesmos e seus filhos.” — *Idem*, págs. 522 e 523.

Observemos, ainda, algumas das coisas que estão reveladas:

1. *Que Cristo é Deus.* — Muitos passos da Escritura há que ressaltam êste aspecto cristológico da relação de Jesus Cristo para com a Divindade. Notai Rom. 9:5; II Cor. 5:19; I Tim. 3:16; Tito 2:13; Heb. 1:8-10; II S. Ped. 1:1.

“Cristo, o Verbo, o Unigênito Filho de Deus, era um com o eterno Pai — um em natureza, caráter, propósito — o único ser que poderia penetrar em todos os conselhos e propósitos de Deus. ‘O Seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz.’ Isa. 9:6. Suas ‘saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade’ Miq. 5:2.” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 22.

2. *Que Cristo era pré-existente.* — Isto também é salientado em vários passos da Palavra de Deus. Ver S. João 1:1-3; 8:58; 17:5 e 24; Col. 1:17; Apoc. 1:8; 22:12 e 13. Lemos, também:

“Antes que Abraão fôsse Eu sou.’ Cristo é o Filho de Deus, pré-existente e existente por Si mesmo.” — Sra. E. G. White, em *Signs of the Times*, de 29 de agosto de 1900.

“Acreditamos em Cristo, em Sua divindade e pré-existência.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 404.

3. *De que Cristo existiu desde a eternidade.* — Em acréscimo aos passos bíblicos já mencionados, poder-se-iam citar Prov. 8:22 e 23; Miq. 5:2.

Lemos, também:

“Desde os dias da eternidade, o Senhor Jesus Cristo era um com o Pai.” — *O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 13.

“O Senhor Jesus Cristo, o divino Filho de Deus, existiu desde a eternidade, como pessoa separada, não obstante um com o Pai. . . . Existe luz e resplendor na verdade de que Cristo era um com o Pai antes de haverem sido postos os fundamentos do mundo. Esta é a luz que brilha em lugar escuro, tornando-a resplendente com a divina glória original. Esta verdade, infinitamente misteriosa em si mesma, explica outras verdades misteriosas e doutra maneira inexplicáveis, se bem que postas em relicário de luz, inatingível e incompreensível.” — Sra. E. G. White, em *Review and Herald*, de 5 de abril de 1906.

4. *De que Cristo foi o Criador de tôdas as coisas.* — Êste pensamento é salientado seguidamente

no Novo Testamento. Ver S. João 1:1-3; Efés. 3:9; Col. 1:13-16; Heb. 1:1 e 2.

Lemos:

“O Pai operou por Seu Filho na criação de todos os seres celestiais. ‘N’Ele foram criadas tôdas as coisas!’ — *Patriarcas e Profetas*, pág. 22.

5. *De que Cristo é a fonte e o doador de toda vida.* — Ver S. João 5:26; 1:4; 10:17; 11:25.

Lemos, ainda:

“‘Eu sou a ressurreição e a vida.’ Aquêla que disse: ‘Eu dou a Minha vida para tornar a tomá-la,’ ressuscitou do sepulcro para a vida que estava em Si mesmo. . . . Sômente Aquêla que tem a imortalidade residente na luz e na vida podia dizer: ‘Eu tenho o poder de depor a Minha vida, e tenho o poder de tornar a tomá-la.’” — Sra. E. G. White, em *The Youth’s Instructor*, de 4 de agosto de 1898.

“‘N’Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.’ Não é especificada a vida física, mas a imortalidade, a vida que é de exclusiva propriedade de Deus. . . . N’Ele estava a vida, original, não emprestada, não derivada.” — Sra. E. G. White, em *The Signs of the Times*, de 8 de abril de 1897.

6. *De que Cristo era divino e humano.* — Ele era o “Filho de Deus” (Rom. 1:4). Também era o “Filho do homem” (S. Mat. 26:64). Era Deus “manifesto na carne” (I Tim. 3:16). O Verbo Eterno “Se fêz carne e habitou entre nós” (S. João 1:14).

“Em Cristo, a divindade e a humanidade estavam combinadas. A divindade não foi degradada para a humanidade; a divindade manteve o seu lugar.” — *The SDA Bible Commentary*, Vol. V, pág. 1082.

“Cristo era verdadeiro homem; Êle deu prova de Sua humildade com tornar-se homem. Entretanto, era Deus na carne.” — Sra. E. G. White, em *The Youth’s Instructor*, de 13 de outubro de 1898.

“Êle vestiu a Sua divindade com a humanidade. Era em todo o tempo como Deus, mas não aparecia como Deus. . . . Era Deus enquanto estava na Terra, mas Se despiu da forma de Deus, e em vez disso assumiu a aparência e o aspecto de homem.” — Sra. E. G. White, em *The Review and Herald*, de 5 de julho de 1887.

7. *De que Cristo assumiu a nossa natureza humana.* — O apóstolo Paulo dá ênfase a esta verdade. Ver. Fil. 2:7; Rom. 8:3; Heb. 2:14.

“Cristo não simulou haver assumido a natureza humana. Êle a tomou verdadeiramente. Êle realmente possuía a natureza humana. ‘E visto como os filhos participam da carne e do sangue, também Êle participou das mesmas coisas.’ Êle era o Filho de Maria; era a semente de Davi, segundo a descendência humana.” — *The SDA Bible Commentary*, Vol. V, pág. 1130.

Tomando sôbre Si a humanidade, Cristo veio para ser um com a humanidade e ao mesmo tempo revelar nosso Pai celestial aos seres humanos pecadores.

“Jesus foi em tôdas as coisas semelhante a Seus irmãos. Tornou-Se carne, da mesma maneira que nós. . . . embora fôsse o imaculado Filho de Deus.” — *O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 228.

8. *De que Cristo estava sem pecado, imaculado pelo pecado.* — O caráter perfeito, sem pecado do

Filho de Deus é salientado. Diz Paulo que Ele “não conheceu pecado” (II Cor. 5:21); Pedro declara que Ele “não cometeu pecado” (I S. Ped. 2: 22); João comenta que “nEle não há pecado” (I S. João. 3:5). Outro testemunho é encontrado em Heb. 4:15; 7:26. Ele é “santo, imaculado, incontaminado, separado dos pecadores.”

“Na plenitude do tempo, Ele [Cristo] seria revelado em forma humana. Tomaria Sua posição à testa da humanidade, assumindo a natureza, mas não a pecaminosidade do homem.” — Sra. E. G. White, em *The Signs of the Times*, de 29 de maio de 1901.

“Ao tomar sobre Si a natureza do homem em sua condição caída, Cristo não participou absolutamente de seu pecado. . . . Houvesse Satanás no mínimo que fôsse podido tentar Cristo a pecar, e teria ferido a cabeça do Salvador. Como aconteceu só lhe pôde ferir o calcanhar. Se a cabeça de Cristo houvesse sido ferida, teria perecido à esperança da raça humana. . . . Não devemos nutrir dúvida alguma quanto à perfeita isenção de pecado da natureza humana de Cristo.” — *The SDA Bible Commentary*, pág. 1131.

Reiterada ênfase é encontrada neste pensamento, nos escritos da Sra. Ellen G. White:

“Ele . . . estava sem a mancha de pecado. . . . Sua natureza estava sem a mancha do pecado.” — *Testimonies*, Vol. IV, pág. 528.

“Ele não estava contaminado com a corrupção, era estranho ao pecado.” — *Idem*, Vol. II, pág. 508.

“Ele não consentia com o pecado. Nem por um pensamento cedia à tentação.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 87.

“Em Sua natureza humana manteve Ele a pureza de Seu caráter divino.” — *The Youth's Instructor*, de 2 de junho de 1898.

9. *De que Cristo foi tentado em todos os pontos como nós o somos.* — Este é um pensamento extraordinário e reconfortante. Mas lembremo-nos sempre de que conquanto seja verdadeiro, também é verdade que foi “sem pecado” (Heb. 4:15). A tentação que sofreu, não contaminou, porém, o Filho de Deus. Suportou Ele as nossas fraquezas, as nossas tentações, *vicariamente*, na mesma maneira em que tomou sobre Si as nossas iniquidades. Ao tomar sobre Si os pecados do mundo, ainda foi o puro, imaculado Cordeiro de Deus. Que isso pudesse haver ocorrido, é certamente um mistério. Ninguém pode explicar como Jesus pôde ser tentado em todos os pontos em que nós somos tentados e no entanto permanecer incontaminado, sem pecado.

Algumas pessoas parecem inclinadas a argumentar que a fim de ser realmente humana tinha Ele que possuir propensões para o pecado. Conselho claro nos foi ministrado nesse sentido. E,

conquanto estas citações e muitas outras da serva do Senhor tenham sido inseridas na Seção de Conselho de *The Ministry* de setembro passado, convém serem repetidas aqui.

“Sêde cuidadosos, extremamente cuidadosos quanto a como considerar a natureza humana de Cristo. Não O apresenteis ao povo como um homem com propensões para o pecado. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado puro, um ser sem pecado, sem uma mancha de pecado sobre si. . . . Jesus Cristo foi o unigênito Filho de Deus. Ele tomou sobre Si a natureza humana. . . . Poderia ter pecado; poderia haver caído, mas ser por um momento sequer houve nEle uma propensão para o mal.” — *The SDA Bible Commentary*, Vol. V, pág. 1128.

“Ao tratardes da humanidade de Cristo, deveis vigiar estritamente cada declaração, para que não sejam dadas às vossas palavras maior significação do que têm, e assim desmereçais ou ofusqueis as claras percepções de Sua humanidade combinada com a divindade. Seu nascimento foi um milagre de Deus; pois, disse o anjo: ‘Conceberás e darás à luz um filho, e pôr-Lhe-ás o nome de JESUS. . . . Descerá sobre ti o Espírito Santo, . . . pelo que também o Santo que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus.’

“Estas palavras não se referem a qualquer ser humano, mas ao Filho do infinito Deus. Nunca, de maneira nenhuma, deixeis a mais leve impressão nas mentes humanas de que houvesse em Cristo uma mancha de corrupção ou inclinação para a corrupção, ou que Ele de qualquer maneira houvesse cedido à corrupção. Ele foi tentado em todos os pontos como o homem é tentado, no entanto é chamado ‘o Santo’. É um mistério que haja sido deixado sem explicação aos mortais que Cristo haja podido ser tentado em todos os pontos, como nós o somos, mas sem pecado. A encarnação de Cristo sempre foi e sempre permanecerá um mistério. O que está revelado, é sempre para nós e para nossos filhos, mas seja todo ser humano advertido a não fazer de Cristo totalmente humano, tal como nós mesmos; porque isso não pode ser. O tempo exato em que a humanidade se fundiu com a divindade não nos é necessário saber. Devemos conservar os pés na Rocha, Cristo Jesus, como Deus revelado na humanidade.” — *Idem*, págs. 1128 e 1129. (Grifo nosso.)

Cantamos com entusiasmo “Maravilhoso Salvador é meu Senhor Jesus!” e isso é verdadeiro. Não há quem se Lhe iguale. Paulo fala do “dom inefável”. Isto não significa um dom de que não podemos ou não devemos nem testificar, mas sim um dom que “é maravilhosíssimo”. Ele é incomparável; é inexprimivelmente precioso; é o maior dom de Deus ao homem. Graças sejam dadas a Deus por Seu dom. É maravilhosíssimo!

Honestidade — Fidelidade — Operosidade

Ao se terem de confiar responsabilidades a um indivíduo, não se indague se ele é eloquente ou rico, mas se é honesto, fiel e operoso; pois sejam

quais forem suas realizações, sem estas qualidades ele se acha inteiramente inabilitado para qualquer cargo de confiança. — *Testimonies*, Vol. IV, pág. 413.

Os Escritos de Ellen G. White e as Notícias Diárias

ARTHUR L. WHITE

(Secretário das Publicações da Sra. Ellen G. White)

Parte III

TÓDA a América, nestes dias, está terrivelmente excitada com os novos milagres realizados pelo hipnotismo no campo da Medicina, da Odontologia e da Psiquiatria." Assim se expressa Lester David em artigo "O que Realmente Acontece Quando Sois Hipnotizados," na edição de agosto de 1956 de *Coronet*. E isso não é uma atenuação da verdade.

Para os adventistas do sétimo dia as numerosas notícias diárias e artigos bem redigidos que visam a informar o público no tocante à hipnose assumem significação especial em vista dos bem definidos conselhos a nós dados faz tantos anos pela serva do Senhor — por cujos conselhos podemos avaliar estes novos descobrimentos.

Além das revistas populares, também as técnicas publicam novas e empolgantes notícias de realizações maravilhosas no emprêgo do hipnotismo e prezizam o papel importante que a hipnose em breve terá na prática da arte de curar.

A revista *Time*, de 7 de fevereiro de 1955, em artigo "Hipnose Para Queimaduras," dá conta do trabalho de um "grupo de cinco homens da *Southwestern Medical School* da Universidade de Texas, enumerando os resultados fenomenais no tratamento de queimaduras graves em que "a hipnose resolveu seis casos difíceis." A artigo termina com as conclusões do psicólogo Harold Crasileck, chefe do grupo, de que "como agora vemos, a hipnose tem um papel bem definido e específico na Medicina." — *Time*, de 7 de fevereiro de 1955, págs. 48 e 49.

Poucos meses antes, a revista *Look* publicou um artigo bem ilustrado, "Hipnotismo, a Gata-Borralheira da Ciência," e o iniciava com um aviso: "Sem alarde, uns poucos médicos e dentistas estão utilizando o hipnotismo." — *Look*, de 29 de junho de 1954, pág. 32.

Ao ser a história relatada em letra de fôrma e ilustrada, o leitor é informado de que "em anos recentes, têm surgido relatos nos periódicos científicos referentes ao êxito crescente do hipnotismo na medicina, na cirurgia e na odontologia. Tem sido usado como auxiliar nos partos. . . Verificaram os psiquiatras que o hipnotismo pode abreviar o longo processo da psicanálise. Relatam os dentistas que o hipnotismo é excelente para crianças ou adultos que temem a cadeira do dentista. Em vez de usar a hipnose como substituto da novocaína ou do gás, usam-no os dentistas para relaxar o paciente e para ajudá-lo a vencer os seus temores." — *Idem*, pág. 35.

Lembrar-se-á o leitor de outros artigos, numerosos demais para serem aqui mencionados, aparecidos na imprensa nos últimos dois anos, mas o clímax parece haver sido atingido no relato publicado em *Newsweek*, de 25 de junho de 1956, como segue:

Cirurgia Sob Hipnose

O primeiro caso de alta cirurgia do pulmão sob

hipnose foi apresentado na reunião da Associação Médica Americana, em Chicago, a semana passada, pelo Dr. Milton J. Marner, anestesista do *Cedars and Lebanon Hospital*, de Los Angeles. Foi removido um tumor do pulmão de uma senhora de vinte e cinco anos, submetida a hipnose profunda, auxiliada por drogas preparatórias. Por espaço de duas e meia horas que durou a operação, ela obedeceu a todas as instruções ministradas, com exceção da de reter a respiração, de forma que foi empregada uma droga para diminuir a respiração. Uma semana depois, voltou ela para casa, em "excelentes condições."

A hipnose, observou o Dr. Marner, "é o único meio de anestesia que não origina perigo algum para o paciente." Em mãos peritas, o processo "torna-o destemido em face da operação, não sente dor durante a mesma, e sente-se bastante confortável depois." — Pág. 88.

"Tirar o embuste," diz Lester David, "bem como as encenações, e a hipnose emerge, afinal, como um benefício extraordinário para a humanidade." — *Coronet*, agosto de 1956, pág. 79.

Que a hipnose devesse ser tão altamente louvada e divulgada em geral como uma ciência que é "um benefício extraordinário para a humanidade" não é surpresa para os adventistas do sétimo dia. Cinqüenta anos faz, e mesmo mais, quando a hipnose era mal vista e não tinha prestígio no mundo científico, Ellen White tachou-a de "uma ciência" e escreveu acêrca de seu uso na prática da medicina como uma "ciência" que pode aparentar alguma coisa "bela," alguma coisa "valiosa". (Ver *Medical Ministry*, págs. 111 e 112.) Noutras declarações ela a designou "chamada ciência" (*A Ciência do Bom Viver*, pág. 207).

Mas não é apenas neste desenvolvimento do hipnotismo como uma "ciência" ou "chamada ciência" que estes conselhos na forma de solenes advertências têm significação especial para os adventistas do sétimo dia. Estes conselhos encontrados nos seus primeiros e últimos livros, e em muitos intermediários, constituem guia seguro em nossa presente atitude para com o hipnotismo, tanto do ponto de vista do médico como do leigo.

Iniciemos com a primeira referência feita nos escritos de Ellen White, com o que retrocedemos ao ano 1845. Quase não precisaríamos dizer que o que hoje chamamos hipnotismo era então conhecido por mesmerismo.

"Um médico que era acatado mesmerista disse-me que as minhas visões eram mesmerismo, que eu era pessoa muito sugestível, e êle me podia mesmerizar e dar-me uma visão. Eu lhe disse que o Senhor me mostrara em visão que o mesmerismo provinha do diabo, do abismo, e que logo iria para lá juntamente com as pessoas que continuassem a usá-lo. Consentii em que êle me mesmerizasse, se lhe fôsse possível. Ele tentou durante mais de meia hora, recorrendo a diferentes operações e

desistiu. Pela fé em Deus eu pude resistir à sua influência, de modo que não teve sôbre mim efeito algum." — *Early Writings*, pág. 21.

A disputa nesta experiência era sôbre o domínio da mente de Ellen White pelo operador. Ela resistiu às suas tentativas e, assim, não foi influenciada. No emprêgo bem-sucedido do hipnotismo, o fator essencial reconhecido tanto na literatura profana como nos escritos de Ellen White, é a submissão cooperante do indivíduo ao hipnotizador.

Uma quantidade de cuidadosos escritores tentou definir o que ocorre quando um indivíduo é hipnotizado.

John Carlisle sumariza da maneira seguinte: "O ser hipnotizado tem o efeito de pôr a vossa mente subconsciente sob domínio, sem interferir com vossa mente consciente, que em geral comanda os vossos pensamentos e ações. Assim, em vez de receberdes ordens de vossa mente consciente, vós a recebeis do hipnotizador. Por algum motivo, entretanto, vossa mente não discerne que as instruções provêm de fora." — *What Is Hypnotism?*, *Coronet*, dezembro de 1954, pág. 151.

E Lester David diz do hipnotismo:

"Sintetizando, é a capacidade de um indivíduo pôr outro numa espécie de transe durante o qual o indivíduo é incapaz de fazer qualquer coisa que não seja pela direção do hipnotizador." — *Coronet*, agosto de 1956, pág. 75.

John Pfeiffer, em seu artigo publicado por *New York Times Magazine*, condensado em *Science Digest* de setembro de 1956, explica:

"O cérebro tende a realizar tanto quanto possível automaticamente e é necessário um ato da vontade para a concentração. Se a vossa força de vontade fica enfraquecida, como no caso da hipnose, essa tendência tem livre curso. A monotonia das sugestões repetidas... produz uma espécie de meio-sono ou transe, durante o qual podemos tornar-nos automátatos em alto grau." — Págs. 43 e 44.

Este mesmo fator básico para a hipnose bem-sucedida é apresentada de outra maneira em recente artigo de *Newsweek*, em estilo de perguntas e respostas:

"— Pode uma pessoa ser hipnotizada contra a sua vontade?"

"— Ninguém pode ser hipnotizado sem que (1) queira sê-lo e (2) coopere amplamente com as sugestões do hipnotizador." — 9 de abril de 1956, pág. 110.

À luz dêste princípio básico de absoluta submissão do indivíduo ao hipnotizador, é que o conselho de Ellen White assume importância especial. Notai esta advertência oportuna, proferida num sermão de manhã de sábado em um de nossos sanatórios, em 1901:

"A nenhum indivíduo deve ser permitido assumir o domínio da mente de outra pessoa, na suposição de que, em assim procedendo, lhe está garantido o recebimento de grande proveito. A cura da mente é um dos mais perigosos enganos que pode ser praticado em qualquer indivíduo. Um alívio temporário pode ser sentido, mas a mente de quem é assim dominada nunca mais é tão forte nem tão segura... Não está no desígnio divino que qualquer ser humano submetta a sua mente a outro ser humano. O Cristo ressuscitado, que está agora entronizado à destra do Pai, é o poderoso Curador.

A Ele recorrei para a capacidade de cura. Únicamente por Ele podem os pecadores se achegarem a Deus tais como estão. Nunca podem êles fazê-lo através da mente de homem nenhum." — Sra. E. G. White, manuscrito N.º 105, 1901 (*Medical Ministry*, págs. 115 e 116).

Para que não haja dúvida alguma justamente quanto ao que ela se referia quando falou de uma pessoa assumir o domínio da mente de outra, citamos outra advertência proferida uns poucos anos mais tarde numa comunicação dirigida aos obreiros principais da denominação, em que ela emprega os termos "mesmerismo" e "hipnotismo."

"Não devem os homens e as mulheres estudar a ciência de dominar a mente das pessoas de suas relações. Esta é uma ciência que Satanás ensina. Devemos evitar qualquer coisa desta espécie. Não devemos brincar com o mesmerismo e o hipnotismo — a ciência daquele que perdeu o seu primeiro estado, e foi expulso das côrtes celestes." — *Medical Ministry*, págs. 110 e 111.

Em *A Ciência do Bom Viver*, publicado em inglês, no mesmo ano 1905, depois de escrever sôbre a verdadeira "cura da mente", Ellen G. White descreve, como segue, os azares de uma mente controlar outra:

"Uma forma de cura mental existe, entretanto, que é um dos mais eficazes meios para o mal. Mediante essa chamada ciência, a mente de uns é submetida ao domínio de outra, de modo que a individualidade do mais fraco imerge na do espírito mais forte. Uma pessoa executa a vontade de outra. Pretende-se, assim, poder mudar o curso dos pensamentos, comunicar os impulsos promotores de saúde, e habilitar o doente a resistir e vencer a moléstia.

"Este método de cura tem sido empregado por pessoas que ignoravam sua natureza e tendências reais, e acreditavam ser êle um modo de beneficiar os doentes. Mas a chamada ciência baseia-se em falsos princípios. É estranha à natureza dos princípios de Cristo. Aquêle que atrai as mentes para si, leva-as a separar-se da verdadeira Fonte de sua força.

"Não é desígnio de Deus que criatura humana alguma submeta a mente e a vontade ao domínio de outra, tornando-se um instrumento passivo em suas mãos. Ninguém deve fundir sua individualidade na de outrem. Não deve considerar nenhum ser humano como fonte de cura. Sua confiança deve estar em Deus. Na dignidade da varonilidade que lhe foi dada pelo Senhor, deve ser por Ele próprio dirigido, e não por nenhuma inteligência humana." — *A Ciência do Bom Viver*, págs. 207 e 208.

Explicando mais amplamente os princípios básicos numa advertência enviada ao superintendente médico de um de nossos grandes sanatórios, Ellen White escreveu, e citamos boa parte:

"Estou tão preocupada com o seu caso que tenho que prosseguir escrevendo-lhe para que na sua cegueira não aconteça que não veja o em que necessita de reforma. Eu fui instruída de que você está entretendo idéias com que Deus o proibiu que se ocupasse. Eu as chamarei de um espécie de cura mental. Você supõe poder usar essa cura mental em sua profissão de médico. Em tons da mais grave advertência foram proferidas as palavras: Cuidado, cuidado, com o lugar onde pisais e aonde é levada a vossa mente. Deus não lhe designou êsse tra-

balho. A teoria da mente controlar a mente originou-se com Satanás para introduzir-se como obreiro-chefe, com o fito de pôr a filosofia humana onde a filosofia divina deve estar.

"Nenhum homem nem mulher deve exercer a própria vontade para dominar os sentidos ou a razão de outrem, de forma que a mente da pessoa seja submetida passivamente à vontade de quem esteja exercendo o domínio. Esta ciência pode dar a aparência de ser alguma coisa bela, mas é uma ciência que de modo nenhum você deve usar. . . Existe algo melhor em que você empenhar-se do que o domínio da natureza humana sobre a natureza humana.

"Eu ergo o sinal de perigo. A única cura mental segura envolve muito. Deve o médico educar o povo a desviar o olhar do humano para o divino. Aquêl que fez a mente do homem sabe precisamente o de que necessita a mente.

"Na prática da ciência que você está preconizando, você está ministrando uma instrução que não é segura para as pessoas a quem você ensina. Perigoso é contaminar as mentes com a ciência da cura mental.

"Esta ciência pode parecer-lhe muito valiosa; mas para você e para outros ela é um engano preparado por Satanás. É o encanto da serpente que fere para a morte espiritual. Abrange muito do que parece maravilhoso, mas está alheio à natureza e ao espírito de Cristo. Esta ciência não conduz Aquêl que é a vida e a salvação . . .

"Não se intrometa nessas coisas que agora lhe parecem ser tão atrativas, mas não conduzem a Cristo. Deixe que sua ambição suba mais alto, para o puro, o verdadeiro companheirismo com Aquêl em quem você pode gloriar-se com segurança. Então, sua religião será uma potência para o bem. Você não transmitirá, então, o que se tornará uma armadilha para a morte."— Sra. E. G. White, carta 121, 1901 (*Medical Ministry*, págs. 111 e 112.)

Tão preocupada estava Ellen White com o caso desse médico como lhe fora revelado, que salientou os pontos principais por meio de repetição e recapitulação de experiências passadas. Apresentamos outro passo da comunicação, que reflete o assunto em sua grande importância:

"No início de minha obra tive eu que pelear com a ciência da cura mental. Fui mandada de lugar a lugar para declarar a falsidade desta ciência, em que muitos estavam ingressando. A cura mental foi aceita muito ingenuamente—para aliviar a tensão sobre a mente de inválidos nervosos. Mas, oh! como foram tristes os resultados! Deus me enviou de lugar a lugar para repreender tudo quanto se referia a essa ciência. Desejo falar-lhe com toda a clareza. Iniciou você um trabalho que não se coaduna com o de um médico cristão e não deve ter acolhida em nossas instituições de saúde. Conquanto possa aparentar inofensiva, essa cura mental, se aplicada aos pacientes, sê-lo-á, em seu desenvolvimento, para sua destruição e não para sua restauração. O terceiro capítulo de II Timóteo descreve as pessoas que aceitam o erro, tal como uma mente a exercer domínio sobre outra mente. Deus nos livre de uma tal coisa. A cura mental é uma das maiores ciências de Satanás, e é importante que nossos médicos vejam com clareza o caráter real desta ciência; pois por seu intermédio lhes sobrevirão grandes tentações. A esta ciência

não deve ser concedido espaço algum disponível em nossos hospitais.

"Deus não concebeu um raio de luz ou de animação para que nossos médicos se empenhem em que uma mente domine completamente a mente de outrem, de forma que uma neutralize a vontade da outra. Aprendamos os processos e os propósitos divinos. Não alcance o inimigo vantagem alguma sobre vós. Não o leve êle à ousadia de tentar o domínio de outra mente até que se torne uma máquina em suas mãos. Esta é a ciência da atuação de Satanás."— *Ibidem*, págs. 113 e 114.

Outro aspecto interessante deste estudo é a mudança verificada nas declarações concernentes à extensão de um mau ato a que pode ser levada a pessoa que está sob a hipnose. O artigo de *News-week* apresenta este assunto da forma seguinte:

"*Pode a pessoa hipnotizada ser forçada a praticar atos criminosos?*

"Não. O indivíduo hipnotizado nunca fará nem dirá coisa alguma que esteja em desacôrdo com seu código de moral ou de ética."— 9 de abril de 1956, pág. 110.

Sobre este ponto discorda John Pfeiffer, pois escreve:

"Crê-se comumente que a pessoa que esteja sob efeitos hipnóticos não cometerá crimes, que só praticará os atos que não colidam com suas normas de legalidade. Mas esta noção não é inteiramente verdadeira. De fato, foram realizadas experiências pela Universidade de Siracusa e pelo Colégio Brooklyn, que indicam que o critério moral pode ser suspenso."— *Science Digest*, setembro de 1956, pág. 44.

Lester David também declara que "as experiências demonstraram que as pessoas hipnotizadas podem praticar um ato ilegal que esteja efetivamente em contradição com a sua personalidade."— *Coronet*, agosto de 1956, pág. 78.

Mas os adventistas do sétimo dia foram já informados, faz já meio século:

"Terrível é o poder assim entregue a homens e mulheres de má imaginação. Que oportunidades proporciona isto aos que vivem de se aproveitar das fraquezas e tolices dos outros! Quantos, por meio do poder exercido sobre mentes fracas ou enfêrmas, encontrarão meio de satisfazer cobiçosas paixões ou ganâncias de lucro!"— *A Ciência do Bom Viver*, pág. 209.

Notável é que Ellen White haja escrito há anos sobre o que vemos hoje claramente no reavivamento da hipnose e feito soar uma clarinada de advertência que proporciona guia seguro no que, de outra maneira, seria uma situação muito embaraçosa; igualmente notável é que muitas décadas antes das pesquisas científicas ela nos tenha apresentado afirmativamente o devido prisma da medicina psicossomática. Escrevendo em 1872, a mensageira do Senhor declarou— e verifica-se que suas palavras têm muito maior significação hoje do que tiveram há oito décadas:

"Bela coisa é tratar com homens e mulheres cuja mente bem como o corpo estão enfermos. Precisam ter grande sabedoria os médicos da instituição [Sanatório de Battle Creek] a fim de curar o corpo por intermédio da mente. Poucos, porém, reconhecem o poder que a mente exerce sobre o corpo.

(Continua na página 6)



NOTAS E NOTÍCIAS

◆ O CHRISTIAN INDEX, publicação oficial batista do Estado de Geórgia, EE. UU., recomenda aos pastores que "evitem as pregações espetaculares." Expressa o articulista dúvida quanto aos méritos de um sermão "preparado com o fito exclusivo de captar a atenção." Apesar de ser conveniente atrair a atenção das gentes — diz o editorial — é duvidoso que o façam os títulos alarmistas; "provavelmente afugentam, muito mais do que atraem." — *The Ministry*, maio de 1956

◆ A METADE dos cristãos da China recusou-se obedecer às diretivas governamentais comunistas e está realizando seus cultos secretamente, declarou o embaixador Hollington K. Tong, da China Nacionalista em Washington. Disse ele que os cristãos chineses a quem se permite comunicar-se com o ocidente são membros de igrejas de "amostra" que os comunistas mantêm para efeitos de propaganda, ao passo que a maioria dos grupos cristãos na China continuam a sofrer perseguição intensa.

◆ ALGUMA coisa nova no sentido de assentos de igreja foi adotada na monumental igreja adventista do sétimo dia, White Memorial, de Los Angeles. Possui ela assentos proporcionais às medidas do ocupante. Se a pessoa não cabe numa poltrona, poderá mudar-se para outra, e outra, até acomodarse perfeitamente. Há assentos para acomodar pessoas de qualquer dimensão. A igreja, a terceira em tamanho já construída pelos adventistas do sétimo dia nessa região, servirá de centro de evangelização no sudoeste.

◆ UMA Bíblia rara, impressa em 1661 foi enviada por via aérea, da Holanda para os Estados Unidos, a fim de figurar na exposição de vitrina organizada na décima-sexta semana nacional anual da Bíblia (15 a 21 de outubro de 1956) patrocinada pela Comissão Nacional de Leigos. Foi ela uma doação ao povo e ao Governo dos Estados Unidos, por Nicholas van de Meij, de Katwijk, Holanda, em reconhecimento pela pensão que, como veterano da guerra hispano-americana, recebe do Governo norte-americano desde 1949.

◆ A FALTA de pesquisa no terreno da religião foi deplorada por um eminente diretor de pesquisa religiosa. O Dr. Lauris B. Whitman, diretor de pesquisa do Conselho Nacional de Igrejas, disse que só tem havido "um reconhecimento superficial" da necessidade de pesquisa "da parte da própria religião." Falou ele na reunião anual da Divisão de Educação Cristã do Conselho. "Se a igreja quiser ser bem-sucedida como merece sê-lo na complexa e confusa situação social hodierna, tem ela que apressar-se e fazê-lo rapidamente no sentido do mais amplo aproveitamento dos recursos da pesquisa," declarou. "Poucas empresas fazem decisões importantes sem que estejam baseadas em pesquisa adequada. Este princípio tem de ser mais e mais aplicado à vida das igrejas."

◆ BILLY GRAHAM disse em Washington que os dias

atuais representam uma "hora tão áurea" para o evangelismo que ele "não trocaria lugares com o apóstolo Paulo." Ao proferir o discurso principal no banquete anual da Internacional Christian Leadership, Inc., declarou que "o momento presente não encontra paralelo em 2.000 anos da cristandade."

"Todos se estão voltando para Cristo," disse o evangelista, "os cientistas, porque todas as suas pesquisas os levaram a maior compreensão do universo; os políticos, porque o homem não conseguiu dominar-se nem ao monstro criado pela Ciência — a bomba atômica. A sociedade volta-se para o cristianismo porque as diferenças religiosas e raciais escaparam ao controle e os princípios cristãos oferecem a única resposta."

Disse Graham: "Eu não trocaria lugares com nenhum apóstolo porque a oportunidade se apresenta agora mais forte do que nunca dantes na História. Antes, apenas os líderes da religião estavam nela ativos," acrescentou, "mas hoje existe uma onda de interesse público geral como o mundo jamais viu."

◆ Os pesquisadores que examinam os pergaminhos do Mar Morto estão verificando que o hebraico era usado muito mais amplamente como língua falada e escrita, na Palestina no tempo de Cristo, do que haviam suposto anteriormente.

Monsenhor Patrick W. Skehan, que tem estado a trabalhar nos pergaminhos em Jerusalém, fez um comentário numa entrevista. É ele professor de línguas semíticas na Universidade Católica da América.

"Os eruditos", disse ele, "surpreenderam-se ao verificar que noventa por cento dos pergaminhos encontrados em 1952 estivessem escritos em hebraico antigo e apenas oito por cento em aramaico. Esta língua era usada amplamente no Oriente Médio por todos os povos semíticos nove séculos antes de Cristo," disse ele. "É a língua que se crê haver Cristo falado".

"Sugere isso que o hebraico estivesse sendo usado muito mais amplamente do que supúnhamos no primeiro século A. D. e no século anterior a Cristo." Disse Monsenhor Skehan: "É ainda cedo demais para dizer se exercerá qualquer efeito sobre a exegese bíblica, mas podemos reavaliar alguns textos que buscávamos interpretar com base em seus equivalentes gregos e aramaicos, mas provenientes de um antecedente mais hebraico do que supúnhamos."

"Outra descoberta de interesse para os eruditos", disse Monsenhor Skehan, "é que seis dos 388 fragmentos de pergaminhos estão escritos em grego."

"Prova isto que os essênios estavam em contato com os povos de língua grega do Egito," explicou ele, "e eram conhecedores da língua grega."

Disse ele ser também provável que o aramaico em que Cristo falava fôsse traduzido diretamente para o grego pelos que conheciam ambas as línguas.